

Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

14 a 27 de Fevereiro de 2017 | Nº 128 | Ano V • Director: José Luís Mendonça •

Kz 50,00



5 Janeiro - 31 Março

HISTÓRIA Pág. 12

QUO VADIS, ÁFRICA?

O reputado escritor e filósofo camaronês, Achille Mbembe explanou recentemente num colóquio em Dakar, que "A história de África baseia-se no que chamei de "circulações". As nossas culturas foram produzidas ao longo do tempo pelo movimento, a multiplicidade e a junção de elementos aparentemente heterogéneos e incompatíveis. (...) Enfrentamos actualmente uma dupla penalização. Por todas as partes as fronteiras fecham-se, militarizam-se e um imenso desejo de apartheid submerge o mundo(...)"



ARTE POÉTICA Pág. 2

POEMA DE ARLINDO BARBEITOS

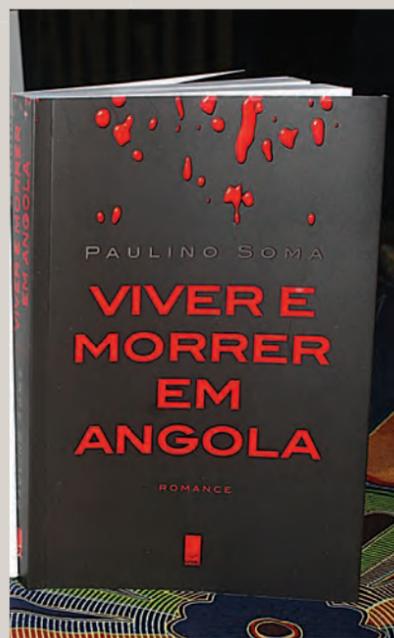
pelos buracos da renda dos dias passam álcres do mundo do esquecimento ao país da indiferença borboletas de luz



LETRAS Págs. 4 e 5

"VIVER E MORRER EM ANGOLA" O LIVRO TRISTE DE PAULINO SOMA

Viver e Morrer em Angola é um livro triste sobre um tema igualmente triste: a guerra! Se o quisermos reduzir a uma linha de síntese, diremos que o livro relata o sofrimento das gentes de Caconda, município da província da Huíla de onde é natural o autor, nos sobe-e-desce de uma guerra com vencedores precários e heróis um tempo, mas que passadas semanas, meses ou anos, estão transformados em derrotados também eles.



GRAFITOS NA ALMA Págs. 9 e 10

DIVERSIFICAÇÃO DA ECONOMIA, O QUE SIGNIFICA?

Com a crise do petróleo que se vive a nível internacional, e com a recessão económica que se vive em Angola, o termo que mais se tem usado, nos últimos tempos, em nosso país é diversificação. Mas o que significa, em termos económicos, diversificação? Quais as implicações de uma diversificação da economia, como um todo? Diversificar implica a realização de substituição de importações?



ECO DE ANGOLA Pág. 3

CÓNEGO MANUEL DAS NEVES UM DOS PALADINOS DO MODERNO NACIONALISMO ANGOLANO

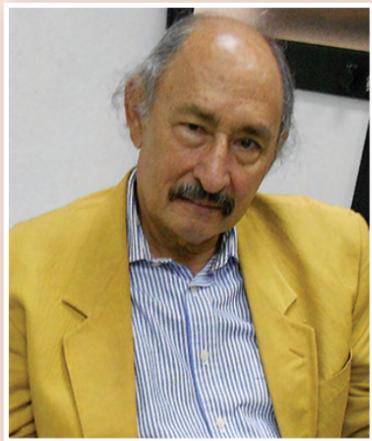
Prevê-se erguer estátua do nacionalista

O cônego Manuel das Neves foi um dos maiores protagonistas das acções que culminaram, a 4 de Fevereiro de 1961, no início da luta armada de libertação de Angola, conforme as palavras de Jaime Araújo, antigo presidente da Liga Africana, na palestra que proferiu dia 4 de Fevereiro passado, no Golungo Alto. Em declarações à Angop, à margem da palestra, o nacionalista Lopo do Nascimento salientou que esforços estão a ser envidados para que seja erguida uma estátua do nacionalista Manuel das Neves na Liga Nacional Africana e na sua terra natal.



POEMA

DE ARLINDO BARBEITOS



borboletas de luz

esvoaçando
de cadáver em cadáver
colhem
o fedor dos mortos em
vão
e
pelos buracos da renda
dos dias
passam álacres
do mundo do esquecimento
ao país da indiferença
levando consigo
o pólen fatal
das flores da guerra



borboletas de luz

(Na Leveza do Luar Crescente)

Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

Um jornal comprometido

com a dimensão cultural do desenvolvimento

Nº 128 /Ano VI/ 14 a 27 de Fevereiro de 2017

E-mail: cultura.angolana@gmail.com

site: www.jornalcultura.sapo.ao

Telefone e Fax: 222 01 82 84

CONSELHO EDITORIAL

Director e Editor-chefe:

José Luís Mendonça

Secretária:

Ilda Rosa

Assistente Editorial:

Coimbra Adolfo (Matadi Makola)

Fotografia:

Paulino Damião (Cinquenta)

Arte e Paginação:

Jorge de Sousa

Alberto Bumba

Sócrates Simóns

Edição online: Adão de Sousa

Colaboram neste número:

Angola: Arlindo Barbeitos, Dias Neto, Imanni da Silva, Gildo Pimentel, João Ngola Trindade, Jorge Dos Santos Capitango, José Manuel Marcolino, Leonel Cosme, Luís Fernando, Lourenço Mussango

Moçambique: Mauro Brito

Normas editoriais

O jornal Cultura aceita para publicação artigos literário-científicos e resenhas bibliográficas. Os manuscritos apresentados devem ser originais. Todos os autores que apresentarem os seus artigos para publicação ao jornal Cultura assumem o compromisso de não apresentar esses mesmos artigos a outros órgãos. Após análise do Conselho Editorial, as contribuições serão avaliadas e, em caso de não publicação, os pareceres serão comunicados aos autores.

Os conteúdos publicados, bem como a referência a figuras ou gráficos já publicados, são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Os textos devem ser formatados em fonte Times New Roman, corpo 12, e margens não inferiores a 3 cm. Os quadros, gráficos e figuras devem, ainda, ser enviados no formato em que foram elaborados e também num ficheiro separado.

Propriedade



Sede: Rua Rainha Ginga, 12-26 | Caixa Postal 1312 - Luanda

Redacção 222 02 01 74 | Telefone geral (PBX): 222 333 344

Fax: 222 336 073 | Telegramas: Proangola

E-mail: ednovembro.dg@nexus.ao

Conselho de Administração

António José Ribeiro

(presidente)

Administradores Executivos

Victor Manuel Branco Silva Carvalho

Eduardo João Francisco Minvu

Mateus Francisco João dos Santos Júnior

Catarina Vieira Dias da Cunha

António Ferreira Gonçalves

Carlos Alberto da Costa Faro Molares D'Abril

Administradores Não Executivos

Olímpio de Sousa e Silva

Engrácia Manuela Francisco Bernardo

CÓNEGO MANUEL DAS NEVES

UM DOS PALADINOS DO MODERNO NACIONALISMO ANGOLANO

Prevê-se erguer estátua do nacionalista

O cónego Manuel das Neves foi um dos maiores protagonistas das acções que culminaram, a 4 de Fevereiro de 1961, no início da luta armada de libertação de Angola, conforme as palavras de Jaime Araújo, antigo presidente da Liga Africana, na palestra que proferiu dia 4 de Fevereiro passado, no Golungo Alto, província do Cuanza Norte. Em declarações à Angop, à margem da palestra, o nacionalista Lopo do Nascimento salientou que esforços estão a ser envidados para que seja erguida uma estátua do nacionalista Manuel das Neves na Liga Nacional Africana, do qual foi um dos precursores, e na sede municipal do Golungo Alto, sua terra natal.

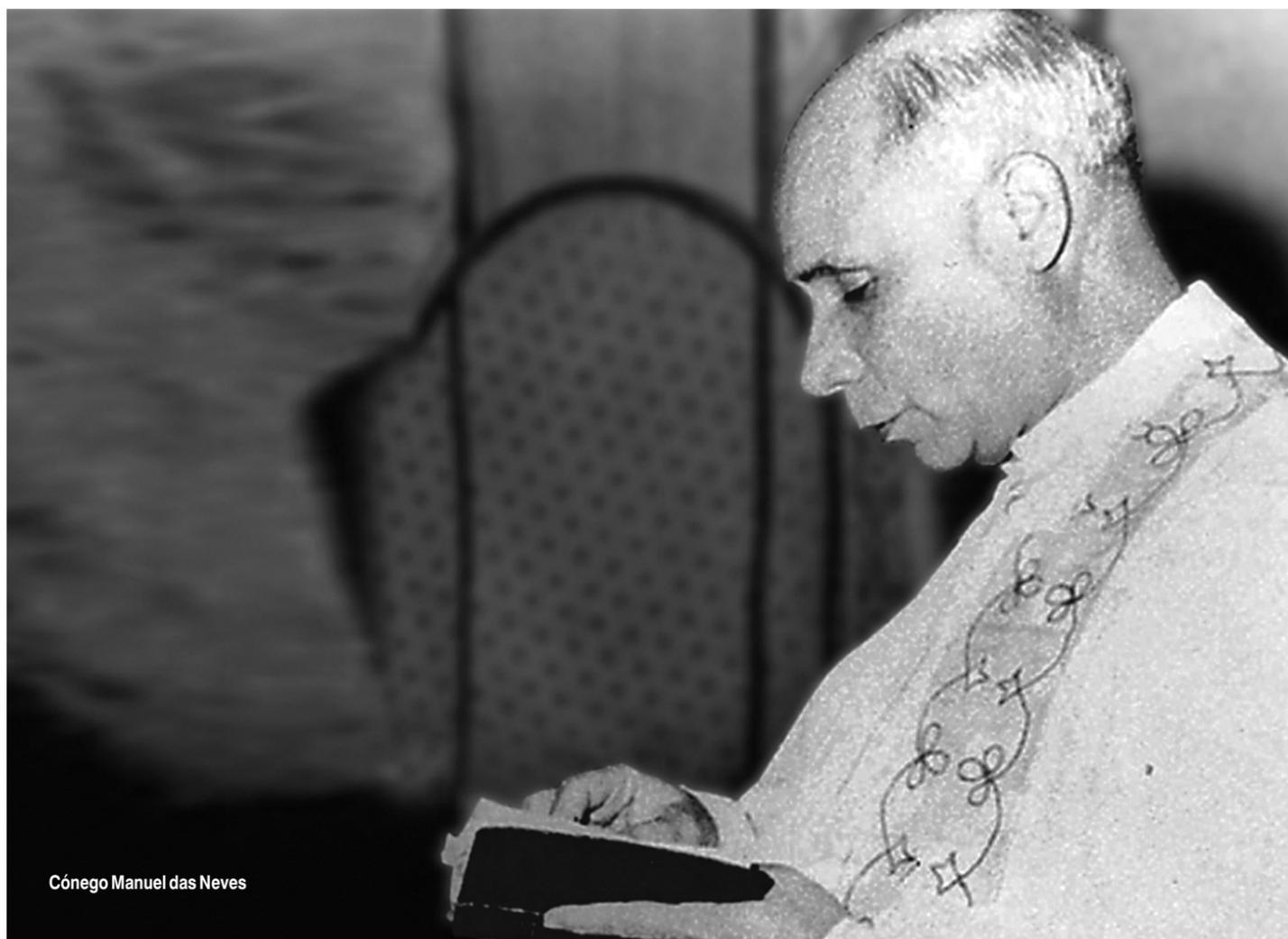
A palestra sobre a vida e a obra de cónego Manuel das Neves decorreu na paróquia de Santo Hilarião e foi testemunhada por membros do Governo provincial do Cuanza Norte, da administração municipal, autoridades tradicionais e por cerca de 500 fiéis.

Jaime Araújo recordou que o cónego Manuel das Neves teve o condão de estar constantemente próximo dos pobres, por isso, viveu o sofrimento do seu povo e ficou revoltado, dedicando-se à vida política.

Edmundo Rocha, na sua Contribuição ao Estudo da Génese do Nacionalismo Moderno Angolano, considera que o modelo de conduta cívica do cónego Manuel das Neves inscreve-se na perspectiva progressista-cristã do núcleo católico angolano, polarizando com Joaquim Pinto de Andrade as duas tendências de ruptura com a ordem colonial.

Considerado um dos paladinos do Nacionalismo moderno angolano e intransigente lutador, o cónego Manuel Joaquim das Neves nasceu a 25 de Janeiro de 1896, no Golungo Alto. Trabalhou durante 13 anos como sacerdote em Luanda e em 1961 foi preso pela Pide (polícia política portuguesa) e deportado para Portugal, onde veio a falecer em 11 de Dezembro de 1964, com 70 anos de idade.

Após a insurreição armada no norte de Angola, em 15 de Março de 1961, Monsenhor Manuel das Neves foi detido pela PIDE e deportado para Portugal, juntamente com outros cinco sacerdotes africanos, acusado de ser um dos principais "dirigentes terroristas". Após alguns meses de prisão na cadeia do Aljube e no Forte de Caxias, a Igreja Católica e o governo de Salazar acordaram em manter Mon-



Cónego Manuel das Neves

senhor Manuel das Neves e os outros sacerdotes africanos afastados de Angola, pelo que lhes foi fixada residência em casas religiosas em Portugal. Mesmo nessas circunstâncias adversas, não deixou de manter contactos clandestinos com os nacionalistas, e de os incentivar à luta pela Independência de Angola.

OS HERÓIS DO 4 DE FEVEREIRO

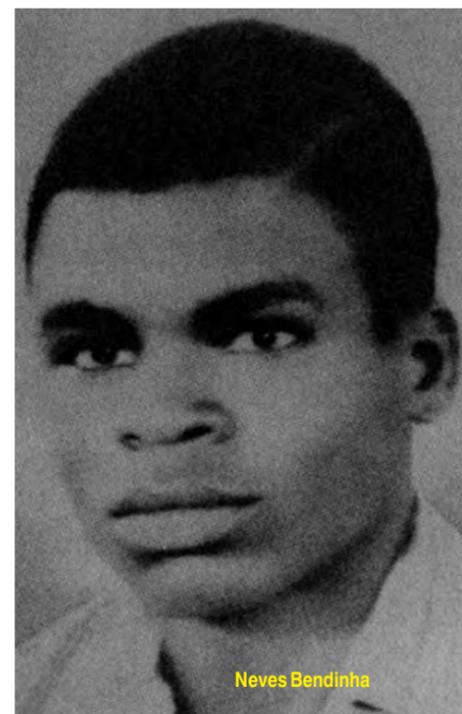
A figura do cónego Manuel das Neves está indelevelmente ligada às figuras dos seus companheiros de luta, como Neves Bendinha, que fazia a conexão com o cónego e dele recebia instruções, auxiliado por Domingos Manuel Mateus (pintor da construção civil) e por Paiva Domingos da Silva (carpinteiro). Foram estes que organizaram os grupos de ataque, e definiram os locais estratégicos da cidade a serem acometidos.

Segundo os relatos que o jornal Cultura recolheu de várias fontes electrónicas, "a mobilização geral principiou em Novembro de 1960, sob a batuta dos chefes que se reuniam sucessivamente em casa de uns e de outros. Os cabecilhas eram Neves Bendinha, Domingos Manuel, Paiva Domingos da Silva, Raul Deão e Virgílio Francisco (este último comandante do grupo que atacou a estação dos Correios, Telégra-

fos e Telefones). Eles davam conhecimento de tudo ao cónego Neves. O tecido para as fardas envergadas pelos revoltosos foi comprado na Mabílio de Albuquerque e as catanas na casa de ferragens Castro Freire. A fim de não levantar suspeitas, o cónego pediu a um fazendeiro amigo que as comprasse, alegando querer distribuí-las por camponeses nativos." Francisco Pedro Miguel, integrante do grupo de ataque à estação dos Correios, foi pessoalmente buscar duas caixas com catanas àquela empresa levando-as para a Sé Catedral onde as guardou num dos campanários. Mais tarde, ele e Neves Bendinha retiraram-nas de lá cautelosamente para serem limadas.

Os ataques em Luanda estavam previstos acontecer somente a 13 de Março, de modo a coincidirem com o levantamento no Norte e com o debate de Angola nas Nações Unidas. Contudo, a presença de jornalistas estrangeiros em Luanda, por causa da captura do navio Santa Maria, era crucial, para provocar o maior estrondo internacional. O cónego autorizou o levantamento que ele designou de "premature", para o dia 4 de Fevereiro. No rescaldo deste assalto, que mobilizou cerca de 220 homens e deixou no terreno quinze mortos e um número indeterminado de feridos, o novo chefe-geral dos sublevados, Agosti-

nho Cristóvão, reorganizou com Paiva Domingos os efectivos que restavam e no dia 10, pela madrugada, ambos à testa de 124 indivíduos, atacaram as dependências da Administração Civil de São Paulo, mais o Pavilhão Prisional da referida administração e a Companhia Indígena. Raros sobreviveram em liberdade. Presos, torturados e interrogados, centenas encontraram a morte no Forte de São Pedro da Barra. Mas estava lançada a semente da revolta armada.



Neves Bendinha



Arlindo Isabel (editor), Paulino Soma (ao centro), Luís Fernando (apresentador) e Teresa Mateus do Camões

“VIVER E MORRER EM ANGOLA”

O LIVRO TRISTE DE PAULINO SOMA

LUÍS FERNANDO

Viver e Morrer em Angola é um livro triste sobre um tema igualmente triste: a guerra! Quando iniciei a leitura deste livro, na última semana, a primeira grande pergunta foi sobre o tempo enquanto razão para a narrativa, a sua contextualização e até pertinência. E só foi ao chegar à última página que a minha pergunta ficou respondida.

Este livro com trezentas e sessenta e quatro páginas nos serve a guerra e os seus horrores numa bandeja como possivelmente não a tínhamos visto antes. E isso sabendo que muitos outros autores angolanos o elegeram também, sendo, para mim, particularmente recomendável por exemplo, Aníbal Simões no seu “Entre a Morte e a Luz”, editado em 2002.

O que tem de diferente a obra *Viver e Morrer em Angola* de Paulino Soma é, sem dúvida, o modo como se mostra a violência da guerra que esventrou Angola, o sofrimento dos homens que a fizeram de armas na mão mas, essencialmente, a vulnerabilidade das populações indefesas. Digamos que o modo tão pateticamente selvagem como “o capim” sofreu nesta contenda “de leões”, recorrendo à célebre alegoria da sabedoria bantu.

Se o quisermos reduzir a uma linha de síntese, a tal pergunta clássica sobre o que é que o livro conta afinal, diremos que o livro relata o sofrimento das gentes de Caconda, município da província da Huíla de onde é natural o autor, nos sobe-e-desces de uma guerra com vencedores precários e heróis um tempo, mas que passadas semanas, meses ou anos, estão transformados em derrotados também eles.

A trágica experiência das populações de Caconda é personificada essencialmente pelo destino da família de tio Ngoma e tia Katumbo, os pais do soldado Jamba, que combatia pelas FAPLA e tinha como nome de guerra “Enyenyá”; pais também de Catarina, ingénua rapariga do campo que um dia chega ao Lubango mas que, devido ao fim de uma paz que durou pouco, se vê impossibilitada de regressar a Caconda e é obrigada a todo o tipo de expedientes na grande cidade para poder sobreviver: vende fuba-limpa no mercado municipal, os fiscais levam-lhe a mercadoria sob o pretexto de não pagar a taxa devida; mais tarde descobre o amor e a traição, fica sozinha e é encorajada por uma amiga – Rosária – a avançar para o caminho da prostituição; é o épico amor atrapalhado pela guerra da fidelíssima Florença pelo soldado Jamba, que não o aceita por-

que enquanto anda em batalhas não quer o risco de mais uma possível viúva para engrossar o grande exército delas; um amor para lá do provável, que a despeito das reticências do soldado Jamba tem uma janela de sorte com a concretização do nascimento de um filho, Zezinho, que nunca chegará entretanto a ver o pai Jamba que morre na guerra mas a informação sempre foi ocultada à família, o que provoca uma dolorosa procura de mãe, filho e irmã do soldado desaparecido, e que culmina com a trágica morte da esperançosa Florença em escaramuças citadinas em pleno Lubango, com um tiro na região abdominal...

Mas muito para lá das histórias paralelas que vivem as muitas personagens que povoam esta obra, acho que o que marca verdadeiramente a leitura e a nossa aproximação ao conteúdo do livro é o constante recurso à brutalidade da guerra, à violência sem fim e que não tem elemento a poupar na atribuição de responsabilidades às forças em presença. O autor é contundente na descrição e na crítica com factos das acções bárbaras cometidas pelos guerrilheiros da Unita, que identifica sem subterfúgios como as FALA; e é igualmente muito frontal na crítica aos excessos dos soldados que combatem pelo lado governamental, as FA-

PLA no começo da guerra – década de 80 – e as FAA, depois de constituídas em 1991.

Esta será com certeza outra das particularidades notáveis deste livro e que determinará certamente que seja muito procurado por todos, porque esteve muito longe, em todo o processo da sua criação, a tentação maniqueísta de separar a causa entre «bons» e «maus». O livro foi concebido, nitidamente, para ir mais longe, não encalhar numa espécie de tribunal de simpatias, condenando uns e absolvendo outros.

Testemunho de uma guerra

Não apenas levamos para casa um testemunho de uma guerra que, por muito cruel que tenha sido, é uma realidade da História, como também somos brindados com um extraordinário desempenho de escrita, surpreendendo a capacidade que o autor mostra de construir diálogos, de dar-nos a plástica dos episódios e até a densidade dos medos que acorrentam quem neles está envolvido.

Logo no princípio, por exemplo, na página 18, há um relato absolutamente genial de um momento típico da guerra nas pequenas localidades, onde os quartéis, os destacamentos e todo o tipo de agrupamentos de tropas es-

tavam praticamente misturados com a população. Tinha havido um ataque perto de Caconda, as FALA haviam investido contra as FAPLA e o resultado foram as quase sempre inevitáveis baixas, entre mortos e feridos. Os habitantes foram então até ao quartel, para terem notícias sobre os seus familiares, os seus amigos, os seus conhecidos. Vou ler-vos a descrição *ipsis verbis*: «No bairro Primeiro de Maio, muitas pessoas sofriam da mesma ansiedade, porque muitos dos seus filhos, familiares ou parentes eram militares. O sol subia cada vez mais alto e, de repente, havia choros e sorrisos em diferentes lugares do município. Grande era a alegria dos familiares cujos filhos haviam voltado dos campos de combate. Tristeza imensurável era para aqueles que, através de um parente, tinham tomado conhecimento de que seus familiares não haviam voltado, ou, tendo voltado, alguns tinham vindo com os olhos abertos, outros com os olhos fechados, mas todos esses já não pestanejavam» - fim de citação. Verdadeiramente brutal este trecho, puro rasgo de realismo fantástico à moda dos mestres latino-americanos.

Ao longo do livro, deliciamo-nos em muitos outros momentos com magníficos rasgos que denotam uma superior capacidade de construção frásica do autor, aliada a uma estrutura de pensamento filosófico que constantemente deixa lições, apela a reflexões.

Por exemplo:

“ - Neste país há muitos mortos e muitas vidas mortas!

“Os rostos alegres e os tristes repentinamente entreolhavam-se e, aqueles alegres, tornavam-se tristes também;”

“Menino, menino, os meus olhos, agora cansados, já viram muitas coisas, e das coisas que viram que trazem o bem das pessoas, a guerra não está lá, não está não; Mas das coisas mais assassinas, e mais malditas, e mais ingratas que eu já vi, das coisas que fazem mesmo crescer a miséria e a fome e a dor, das coisas que despejam o sangue das pessoas, que não respeitam a vida, a primeira mesmo é a guerra. Por isso, é melhor pensar bem antes de ir lá, na guerra. A guerra tem garras que tiram sangue.”

A banalização da morte e a insensibilidade de que uma guerra se cobre são estados de espírito que também vale a pena que os apreciemos, no modo frio e franco como o escritor Paulino Soma os descreve. É uma conversa entre o sargento Mingo e o soldado Enyeny, nome de guerra de Jamba, ambos pertencentes às forças governamentais:

“- Hum, e como é que aprendeste a conviver com esta realidade tão cruel, sargento?!”

- Fazendo a quitota com todo o meu corpo, com todo o meu coração, com toda a minha força, com toda a minha alma e com todo o meu amor. Eu adoro o gatilho, mô mano, e isso não me faz dizer que a nossa realidade seja bué malaiki como tu dizes.

- Adoras o sangue também?

- Tu continuas a ser um tropa de merda, meu. Porra! Um dia bates a casuleta só porque não quiseste bondar. Na quitota é tudo ou nada. Eu sou um nganzado, Enyeny. Tu me sabes. Não poupo o meu inimigo quando tenho a oportunidade de o bondar. Mato os gajos a rir. Quando vejo os gajos a sangrar e a caírem no chão, me cuja feio!

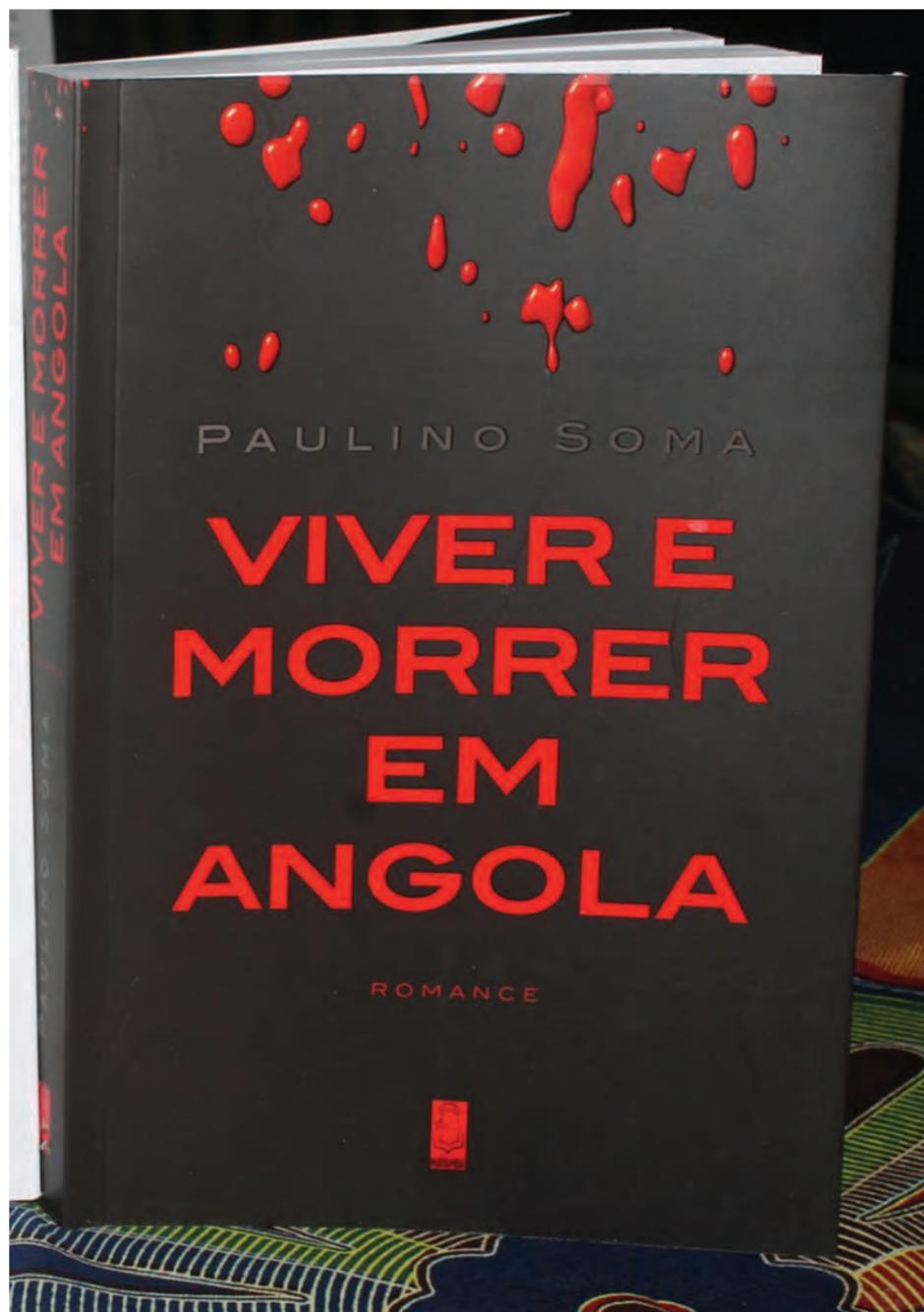
- És um assassino de primeira, sargento!

- E tu pensas que te nego? Nem pensar; eu sou mesmo um assassino. No princípio também fui santinho, mas não tão santinho como tu. Quando vi

intenção não é mesmo matar civis porreiros mas, às vezes, os nossos bagos, sem querer, vão dar neles. Ó meu, o que é que eu tenho a ver com isso?! Aliás, também já salvei civis. Também, sem querer, é claro, já bondei alguns. Mas, spera aí, Enyeny, tu tás a querer dizer-me que nunca bondaste nessas poucas missões em que estiveste? Eu mesmo já te vi a bondar os kwatches.

- Já matei, sim. Mas confirmo que matei só adversários. Civis... não sei ainda. Talvez naquelas rajadas. Eu sentiria muito remorso se matasse um civil inocente (...).

- Pois mantém a tua laive mais taime



os meus cambas a serem mortos como cães, eu preferi me tornar num cão danado, mô mano, com muita raiva para tudo o que é do lado do meu inimigo. Deixa-me te dizer um bizno que te servirá de conselho: a maior parte dos meus colegas que eram santinhos, assim como tu, não duraram muito! Baicaram! A quitota não é para santinhos, é para diabinhos! E se tu estás na quitota, para viveres mais tempo, precisas de te tornar num diabo, num grande diabo para levar aqueles kwatches no Inferno.

- E quando, em vez do inimigo, morre um civil, um homem, uma mulher ou uma criança, ficas bem?

- Não no momento em que vejo a cena. Mas depois de dar as costas, mando tudo para o sítio mais escondido da minha consciência e, aos poucos, vou esquecendo. Então continuo com a minha missão de militar. Epa, a nossa

para quitotares mais. Se assim for, ainda vais galar muitas mortes por aí; a minha, a dos outros kambas, quem sabe. Vais saber então que bondar, na quitota, nem sempre é uma opção, mas é, isso sim, uma obrigação; às vezes até uma necessidade. Mas não tem makas. Chegará o dia em que bondarás sem remorso”, fim de citação.

Ngoma e sua filha

Prestem agora atenção ao relato de um ataque contra Caconda, quando guerrilheiros das FALA surpreendem um velho e sua filha menor, e todas as sevícias que se dão no ambiente febril de uma guerra.

“Catarina queria chorar nesse exacto momento. Mas com um «psiu!», o pai conseguiu impedi-la. Ela teve de obedecer, sabia que a situação era má. Os tropas aproximavam-se cada vez mais com as armas bem apontadas

para o sítio. O tio Ngoma, como sempre fazia, começou a orar, a pedir que o seu Suku fizesse algum milagre para eles naquela situação, mas orava com o pensamento, a boca cerrada. Um dos guerreiros, impaciente, continuou a gritar:

- Eu vou te enfiar um tiro na cabeça! Mãos ao ar, mãos ao ar e vocês não obedecem, porra?!”

Já estavam perto, tão perto que os corpos do tio Ngoma e sua filha apareciam sobrepostos:

- Estes já morreram ou estão a se fazer alguma coisa?! - disse um deles.

- Tu não vês que esta é só uma criança?! - defendeu um dos guerreiros.

O tio Ngoma queria fazer-se de morto sobre o corpo da filha, mas esta enxergou, no escuro, dois canos das armas a aproximarem-se e, desta vez, sem pensar, gritou chorando e mostrando apenas com os olhos o que via.

- Papá, estão aí!

Um dos canos da arma já estava sobre a sua cabeça, bem no occipital, enquanto os outros o colocavam um pouco distanciados.

- Levanta, mais-velho - ordenou ainda um deles.

O tio Ngoma não teve outro remédio. Embora tarde, obedeceu então. Obedeceu sem largar a filha. Mas deram-lhe com uma coronhada no ombro direito e teve de a largar nesse momento. Catarina chorava pesadamente.

- O gajo é mafioso! - disse o chefe dos dois. - Vamos depois ver o que fazer com eles. Por enquanto, ajudam-nos a levar as mochilas até à vila de Caconda.

Duas mochilas de munições e provisões alimentícias foram entregues ao Tio Ngoma, para as levar. Catarina teve de carregar três grandes obuses sobre as costas. Devia ser insuportável o peso.”

Um livro duro

Este é um livro difícil, um livro duro, um relato com momentos de perder o fôlego e o discernimento pelo choque. Mas a guerra é exactamente isto o que aqui se descreve.

Regresso à pergunta do começo, sobre o que penso a respeito da ideia de um livro com esta temática chegar às nossas mãos quinze anos depois do calar das armas. Pois a minha resposta é franca, curta e directa: este livro é mais do que oportuno, pertinente, necessário. Porque deambulam ainda por aí os líricos que parecem não saber que os angolanos, todos indistintamente, já tivemos a nossa dose cavalgar do inferno que é sempre uma guerra.

É um livro para recuperar memórias no sentido de se impedir que tropeçemos de novo na mesma pedra; é um livro para dizer aos idealistas de umas certas primaveras que este é um país necessitado avidamente de paz para construir presente e futuro.

Este é um livro com voz e espaço num ano que é de eleições onde, na África imprudente que faz os nossos dias, está sempre latente o fantasma da convulsão, da paz que se periga, do sossego que se fragiliza.

ESCRITORES MEDIÁTICOS

NA PROA DA FAMA EFÊMERA DE UMA GERAÇÃO SEM NOME

A produção literária que se faz hoje já não é com certeza a mesma que se fazia na Geração da Mensagem e, muito menos, na Geração das Incertezas. Angola mudou, e os contextos socioeconómico, político e cultural sofreram de igual modo metamorfoses visíveis. Mas apesar das dificuldades financeiras e económicas dos últimos dois anos, temos presenciado um crescimento exponencial de publicações de títulos de ficção poética e narrativa.

Essa produção profícua de livros tem dado de certa forma mais opções e oportunidades de leitura aos amantes da literatura angolana. Porém, também denuncia mais quantidade do que qualidade. É neste estado de coisas que emergem os jovens “escritores” mediáticos que vão cortando atalhos à margem do real caminho a percorrer para se ser um excelente poeta ou prosador. A leitura faz parte dele. Só se torna um excelente escritor quem é um leitor apaixonado, guloso e crítico. Não há outra fórmula mágica. Devemos ler de tudo, desde os clássicos universais aos poetas e prosadores contemporâneos. A leitura literária é obrigatória para quem é escritor ou pretende sê-lo. Mas, com alguma nostalgia na alma, a par da necessidade imperativa de se ler mais e melhor, vemos que a leitura de obras literárias há muito deixou de ser imperiosa e, até mesmo, aprazível aos olhos dos jovens que se auto-intitulam escritores. E, com muita pena, o livro deixou de ser o verdadeiro canal dialógico entre as gerações de escritores. Poucos são os jovens escritores que conversam com J. D. Cordeiro da Matta por meio do *Delírios*. Os novos escritores quase não lêem e demonstram uma falta de cultura abismal, quase vergonhosa. Porventura, a cultura literária, a competência linguística e a qualidade dos textos que escrevem não lhes parecem ser assim tão importantes. Possivelmente, para eles, escritor é aquele que aparece vezes várias na TV.

Facto é que nos média fala-se mais desses “escritores” do que dos seus escritos. O que evoca, a priori, a pobreza e a iliteracia literária dessas obras. Penso que a obra deve falar sempre mais do que o nome do escritor. Quem faz o Nobel da Literatura é a qualidade e o conjunto da sua obra e não o contrário, como se faz crer aqui em Angola.

Percebe-se que “ser escritor” tornou-se a febre do momento. E alguns escritores medíocres, sedentos de exposição mediática, sentaram-se na proa de um navio descartável e navegam sobre as ondas de um mar sensível repleto de predadores marinhos impiedosos. Assim, volta e meia, deparamo-nos com um cardume de “escritores” que desconhecem a semântica

de um poema bem conseguido ou as categorias da narrativa. Escritores estes que, na verdade, são autores, cujos chips da vergonha e da honestidade intelectual não funcionam mais, vão vendendo os seus best sellers com conteúdos sobre etiqueta, português e pensamentos mal plagiados. De forma implícita e explícita “os seus pensamentos soltos” a que teimosamente chamam de literatura demonstram uma pobreza estética e estrutural muito grande. São autênticos erros de concepção filosófica e sentimental, pensamental, gráfico e estético.

Caros concidadãos e jovens da banda, para se ser escritor não basta apenas ter cifrão para editar aqui ou na diáspora e depois, com um bom plano de marketing, tornar a obra um recorde de vendas e, conseqüentemente, um best seller. A qualidade do livro e do escritor não se mede pela exposição nos média e pelo número de vendas. Como disse Jorge Macedo, “O melhor livro literário nem sempre é o best-seller... O Valor literário do livro não depende da simpatia dos fãs, mas das regras estilísticas que podem ou não ser marginalizadas pelo autor”.

Músicos e jornalistas vão assinalando os primeiros passos no mundo da publicação de títulos literários. O que é de facto um contributo digno de aplau-

so. Afinal, um país faz-se com educação e formação do homem novo. E neste diapasão a produção e leitura de livros são indispensáveis. Porém, o problema que se impõe em alguns desses nossos novos Gabriel Garcia Márquez consiste na necessidade exacerbada de APARECER mesmo quando o “SER escritor” não tem identidade e desconhece categoricamente o género literário daquilo que diz ser fruto de suas imaginações. É inadmissível que alguém que se diz escritor não saiba o género do livro que escreveu e está a publicar. Muitos dos tais escritores não sabem o que é prosa ou poesia e nem a diferença entre ambas. Alguns desconhecem a diferença entre textos literários e não-literários, o que é inaceitável. Outros, ainda, sendo autores e não escritores, depois de publicarem livros com teor motivacional, sob o calor de alguma emoção, afirmam ser colegas de Pepetela. O que constitui uma autêntica asneira e, quiçá mesmo, hereesia. E tal como afirmou José Luís Mendonça, “O dilema do aprendiz de escritor arranca da dialéctica do SER e do APARECER. Quando existe essa contradição entre estes dois estados, emerge uma angústia existencial na pessoa do aprendiz de escritor, quando alguém com sabedoria e que é um verdadeiro escritor lhe aponta catego-



LOURENÇO MUSSANGO
ILUSTRACÃO DE: MARIA FERREIRA
(OLHA A PARACUCA)

ricamente as falhas patentes na obra e lhe aponta o difícil da vida de escriba”.

É imperioso que se diga aqui que não estamos a pedir que os jovens escritores ou aprendizes de escritor tenham a licenciatura em Estudos Literários ou dominem todas as teorias da literatura. Advogamos, parafraseando Ana Luiza Figueiredo, que “...o escritor deve ter o domínio do seu ofício: como construir o enredo, como imprimir o ritmo à narrativa, como desenvolver os personagens, organizar o processo criativo. Sem falar dos quesitos mais básicos, entre eles coesão textual, ortografia e estilo do autor. Acontece que a melhor maneira de se familiarizar com estes aspectos tão caros à escrita é justamente ler”.

Jovens da banda, dando voz ao poema “Nem tudo é poesia”, da autoria de David Mestre, queremos afirmar de forma análoga e extensiva que nem tudo o que esses “escritores” têm feito é literatura. Boa parte dos “escritores” mediáticos afectos a vários movimentos literários juvenis e não só escrevem tudo menos uma literatura criativa engajada e com o rigor e a qualidade estética digna de algum reconhecimento. Prezados jovens “escritores”, viajantes acomodados na proa da fama efémera, com um sentimento patriótico e por amor a vocês, antes de terminar esse simples artigo, gostava de reiterar o que Ana Luiza, os editores sérios e os escritores com tarimba vos têm dito: antes de ser escritor, é preciso, sobretudo, ser leitor.

O escritor por excelência, antes de tudo, é um monge espiritualmente evoluído e aberto à aprendizagem que medita o real e o surreal da existência humana na sua mais sublime metamorfose, a fim de criar e recriar o homem no seu mundo envolvente, por meio da palavra escrita forjada com a sensibilidade e o rigor estético nunca antes vistos. O escritor é solitário, é um griot que fala de si e para si mesmo. A mediatização e publicação de um livro não é uma necessidade primária e sim uma extensão do diálogo que faz consigo mesmo e suscita o interesse dos seres externos a si. O escritor não é um kudurista, não precisa de alar-mismos. A escrita é um sacerdócio que requer silêncio e devoção.



REFORMA EDUCATIVA EM ANGOLA

CONTRARIEDADES DA AVALIAÇÃO DAS APRENDIZAGENS



**JORGE DOS SANTOS
CAPITANGO**

A reforma educativa pode ser entendida como processo destinado a requalificar o Sistema de Educação. A avaliação da aprendizagem é um dos elementos que conduz o citado processo. O professor, ao ministrar aulas, em função dos conteúdos programados para uma determinada área ou ciclo de formação, precisa, à medida que esses conteúdos vão sendo leccionados, de verificar como são aprendidos e se o ritmo de progressão do estudante permitirá alcançar os objectivos traçados.

Pretendemos, com este texto, demonstrar as vantagens e desvantagens da avaliação no âmbito da Reforma Educativa em Angola, no 1º Ciclo do Ensino Secundário (7ª e 8ª classe).

O modelo vigente (que vem sendo implementado, progressivamente, desde 2002) traz a seguinte vantagem: avaliar o que aluno produz durante as aulas e não só o que produz nas provas. Nisto reside a novidade: avaliar o aluno no decorrer da aula, o que não acontecia no modelo anterior, pois a avaliação

cingia – se exclusivamente na atribuição de notas através de provas de medir, classificar e certificar o que o aluno aprendeu – avaliação sumativa.

O modelo do passado (1978 a 2001) é tido por muitos pedagogos modernos como tradicional, por ser pouco frequente, centrado no professor, envolver geralmente apenas o professor no processo de avaliação e por se limitar a documentar como a aprendizagem ocorria no fim de uma unidade lectiva, trimestre, ano lectivo ou classe, no entender de José Lopes e Helena Santos Silva (em *Técnicas de Avaliação Formativa*. Lisboa e Porto: LIDEL. 2012, pp.6-7).

O professor (no modelo do passado) corrigia a prova dos alunos e depois apresentava os resultados: Ngueve 5 valores e Tchissola 15 valores, assim sucessivamente. Isto significa que o que aluno aprendia era medido e não avaliado, segundo o Manual de Apoio ao Sistema de Avaliação das Aprendizagens da Reforma Educativa em Angola: “Quando se aplicam provas com os objectivos de classificar, seleccionar ou certificar os (as) alunos (as), como tem sido prática no sistema vigente desde 1978, é evidente que não estamos a avaliar” (Manual de Apoio ao Sistema de Avaliação das Aprendizagens – 1º Ciclo do Ensino Secundário Geral [Reforma Educativa]. Luanda: INIDE. 2011, p. 6).

O modelo actual do processo de avaliação do aproveitamento escolar adopta mecanismos que não têm apenas em conta a avaliação sumativa, mas também a avaliação formativa ou para a aprendizagem. Por este motivo,

José Lopes e Helena Santos e Silva defendem que “as actividades de avaliação para a aprendizagem e avaliação como aprendizagem têm carácter formativo: a sua finalidade ou o seu objectivo é que os alunos melhorem o seu rendimento escolar” (2012: 5).

Os autores referenciados sustentam ainda que, “quando os professores fazem da avaliação formativa uma prática integrada no trabalho diário da sala de aula, o rendimento escolar é visto não como um número baseado em resultados que fundamentalmente reflectem as classificações dos testes, mas como crescimento mensurável do aluno ao longo do tempo” (2012: VIII). Esta perspectiva permite que a avaliação potencie gradualmente o crescimento intelectual do aluno, facilite o uso de procedimentos de ensino adequados de modo a capacitar, habilitar e construir as competências que permitem atingir os objectivos preconizados.

No entanto, no modelo vigente, é possível identificar imperfeições que, no nosso entender, limitam o melhoramento do rendimento escolar. A fórmula para calcular a classificação final (CF), que permite a transição de classe na 7ª e 8ª classe, traduzida em termos matemáticos, é a seguinte: $CF = 0,4 \times CAP$ (classificação atribuída pelo professor durante os três trimestres) + $0,6 \times CPE$ (classificação da prova de escola), segundo o Manual de Apoio ao Sistema de Avaliação das Aprendizagens (1º Ciclo do Ensino Secundário – Reforma Educativa em Angola [2011: 28]).

Em função do que se disse atrás, podemos facilmente deduzir que a CF resulta de 40% da CAP e 60% da CPE, se

tivermos em conta que a CAP corresponde à avaliação formativa ou para aprendizagem, enquanto a CPE corresponde à avaliação sumativa.

Podemos afirmar que o modelo actual não difere muito do anterior. Ambos privilegiam a avaliação sumativa, quando querem avaliar o aproveitamento escolar do aluno. Os modelos referenciados atribuem à prova de fim de unidade, trimestre, ano lectivo ou classe maior valor percentual no processo de avaliação do rendimento escolar.

O modelo actual contraria o que a Pedagogia Moderna defende: a avaliação formativa ou para aprendizagem como a mais adequada para potenciar o crescimento intelectual do aluno e, gradualmente, melhorar o seu aproveitamento escolar. Por esta razão, José Lopes e Helena Santos e Silva sustentam que “a avaliação formativa ou para aprendizagem tem maiores benefícios para os alunos tradicionalmente vistos como de baixo rendimento ou com dificuldades de aprendizagem” (2012: IX).

Sendo a avaliação formativa a mais adequada para melhorar o rendimento escolar do aluno, como defendem os já citados autores, parece-nos urgente e necessário que se atribua o valor de 60% à CAP e 40% à CPE se quisermos realmente melhorar o rendimento escolar e, conseqüentemente, garantir a qualidade do aluno.

Jorge dos Santos Capitango, licenciado em Ensino do Português pelo Instituto Superior de Ciências da Educação de Luanda, quadro administrativo do ISCED e docente de Português.

AQUI TAMBÉM TEMOS WALL STREET



Aspecto da cidade de Maputo

Dois cidadãos que julgo serem de nacionalidade Koreana, numa tarde a cair, tem um momento de pausa, estando à dois metros de distância, da mesa onde me encontro a beber café para desanuviar algumas tenções. Pelo que observo bebem refrigerante pausadamente, enquanto trocam algumas palavras sobre um assunto qualquer. Percebe-se que aquele fora um posto de paragem inesperado, pois que andavam pela cidade a sentir o aroma do dia, sentir-se de facto aquilo que lhes chegava através da Tv era verdade ou mentira. A mesa está a um canto, no mesmo canto onde um grupo de vendedores ambulantes se atulham para preparar as suas vendas, pôr a reluzir as peças que vendem a qualquer transeunte que por ali passa, ou quem sabe ensaiar alguma forma mais barata e eficiente de convencer a diversa clientela.

Passado um tempo, interpela-se entre eles um dos vendedores, veste um calção preto as riscas, em mangas de camisa, onde nota-se faltarem duas casas sem botões, os chinelos de cabedal denunciam os pés cansados de varias batalhas pelas ruas da cidade das acácias- "Good afternoon boss, I sell this for you, buy, please", começa com uma voz suave mas firme, que vai mudando, subindo de tom assim que se apercebe da resistência do casa, que inerte, presta mais atenção à azafama do entra e sai do supermercado que a escassos metros dali funciona, espicaçados pelo aroma do pão que vai sendo confeccionado de hora em hora, atraindo também famigerados miúdos de rua e lavadores de viaturas que ali fazem a vida. O casal continua em silêncio, ignora a proposta atrevida do fulano. A senhora usa um par de óculos de vista, com umas lentes ovais, de um creme fugidio, o rabo-de-cavalo curvado pelos seus cabelos na nuca,

muito bem puxado e tratado, brilha de encontro ao vidro que separa o interior da pastelaria do exterior onde está implantada a esplanada, de piso em madeira, com as mesas de plastex num tom de verde-alface, com motivos de uma marca de sumos famosa. "Não precisa comprar agora, só apreciar só, não faz mal a ninguém" insiste o fulano, chegando mais próximo onde se encontra o casal, minutos depois pousa a caixa que traz por cima do ombro em cima do tampo da mesa, de onde imensos objectos brilham ante a luz do sol parda, dentre eles, relógios, para variadas ocasiões, carteiras de bolso, óculos de sol e tutti quanti se pode imaginar que pode vender-se ao desbarato, e sabe-se la a sua legítima proveniência!

Ficam instantes a trocar duas ou três palavras, o que se segue não fazia parte do plano dos fulanos, ligar-se a quem quer que fosse nas suas breves andanças pela cidade. Era espreitar a cidade e pronto. Mesmo assim vira-se ao fulano e procura distinguir o que mais lhe pode interessar naquele buraco negro, o vendedor sente a sua avidez e consegue adivinhar-lhe que tem os olhos focados numa nova camara digital de marca Sony, que está embrulhada num papel transparente, que por isso denuncia a sua existência. Ainda assim o mano adiciona-lhe o que vender, "tenho também pilhas dele, está muito nova em folha boss", mexe e remexe a caixa, que mais parece uma caixa de pandora, de onde se pode extrair tudo quanto for da vontade de quem o tem nas mãos, mais uma outra camara, um relógio que aparentemente é prateado, que ele afirma de pés juntos que é a prova d'agua.

O fulano inspeciona, vira, abre e fecha, pede que o mano ligue e experientemente, mas antes recebe um protes-

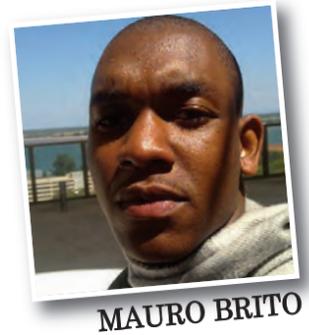
to, "não pode abrir e fechar toda hora, vai estragar, deixa vou-te mostrar". A máquina de filmar não é dos modelos mais recentes, e mesmo assim o rapaz tenta despachar a qualquer custo. Para quem passa percebe logo que há ali um dialogo meio emaranhado mas que tem a sua fluidez, há uma variação de língua, do português moçambicano, ao inglês e socorrendo-se de vez em quando de alguma tradução, através do auxílio de colegas que assistem a negociata.

Manuseia a máquina com cuidado, botões aqui, ali, liga, simula, ensaia uma breve filmagem que não dura mais do que 2 minutos, apenas para certificar aos clientes de que é fiável. Suponho que a máquina vá custar ao bolso deles, o dobro que seria numa loja conveniente, mas não sabem disso. Em vão insiste, a senhora, não se deixa convencer facilmente, decidiu entrar também para discutir, emite poucas palavras num som cavernoso, depois que o fulano recebe uma chamada telefónica e põe-se a falar, falar, como que a ignorar ou tentar espantar o fulano que por ali, em pé, parece desafiar a paciência do casal. Parece que os vendedores ambulantes um pouco pela cidade de Maputo, são treinados para serem muito persistentes e de atrair mesmo contra vontade dos clientes que eles interpelam.

A senhora, de quem igualmente não sei o nome, receia pela qualidade do produto, e aguarda aflita pelo término da chamada para que se desfaçam do fulano. Ao que parece, a língua não chega a ser uma barreira para que o negócio tenha o mínimo de fluidez, espantam-se os que ao lado acompanham, mas o seus amigos apenas sorriem e trocam caretas entre si, estão de certo habituados a abordar cidadãos de incomum proveniência, e sempre num inglês de ocasião, uma e outra palavra, gestos e alguma ajuda. A rua ensinou-lhes a serem pacientes, a trocar lições uns com os outros, a tecer como forma de magia algumas estratégias para ganhar o pão de cada dia, por isso há quem dizia que "A Vida e uma escola..."

O mano (vendedor), também não desiste, embora com muito esforço, pouco consiga explicar detalhadamente os modos de operar e todas as funcionalidades daquele objecto que passa ser mais estranho do que deveria ser para o casal, afinal estamos habituados a que os estrangeiros são sempre os conhecedores de novas invenções, cabendo-nos a ficar em último a saber sobre as novas tendências do mercado para não falar da ciência no geral.

Terminada a chamada, num movimento suave e lento, troca algumas palavras com a senhora que se encontra na sua companhia, de seguida vira-se para o vendedor, que em momento algum arredara o pé dali, parecia que



MAURO BRITO

ele estava confiante no fecho do business. "Pode por na caixa", pronuncia para ele, este sorri sem esconder o ânimo, vai fechar o negócio, rapidamente toma das mãos do senhor, o famoso objecto e põe-se a polir cuidadosamente, não vá mexer em algo desconhecido e colocar em risco o final de semana que se avizinha; do seu bolso traseiro, retira um saco plástico de embrulhar souvenirs, e que tem pequenas câmaras infladas de ar, que até as vezes nos colocamos a desfazer, soltando um som agradável.

Por ordens do senhor, a senhora em silêncio, retira da sua pequena carteira de mão, uma nota de cem dólares americanos meio amarfanhada, não sem antes confirmar ao senhor, que é aquele valor acordado, a voz e tom parece agressivo, mas há línguas assim, que operam em outros níveis de expressão facial e não só; no que ele aceina bebendo o seu ultimo gole de refrigerante. A verde nota é então estendida pela mesa, para o encher dos olhos ali a volta, e rapidamente tomada pelo mano, num movimento veloz mas sem dar a perceber a avidez que tem. O mano sem demora, inspeciona a nota, mas como nunca ouvira falar de casos de falsificação de dólares, duvida que possa dar por falsa, "é essa mesma, e verdadeira", confirmam os seus manos que o rodeiam para tal efeito; para elas o dólar é um tesouro, cair-lhes na mão numa quinta-feira era um fechar com chave de ouro, ao que o proprietário guarda no bolso mais discreto, retomando de seguida a sua bancada junto à entrada do edifício onde entra e saem moradores.

Todos saem a ganhar, ao que parece, sorriem e deixam-se levar pela frescura que chega pelo ranger das árvores, a escassos metros dali. O casal, pede mais alguma coisa, seja para espantar o calor que aquela situação lhes terá causado, ou para algum ganho celebrar, não interessa, o que interessa-lhes é que estão mais uma vez livres e podem dar seguimento a sua jornada sem que sejam perturbados inesperadamente. Enquanto isso o mano faz as contas do dia e arruma em silêncio os outros tantos objectos que tem na sua posse, deverá conseguir despachar nas próximas horas se for ágil e perseverante como até agora tem sido, ensaia novos gestos, abordagens e linguagens para a sua próxima conquista, afinal o dia para ele apenas começou, Maputo tem duas faces...

DIVERSIFICAÇÃO DA ECONOMIA, O QUE SIGNIFICA?

QUADRO DE ZAN

INTRODUÇÃO

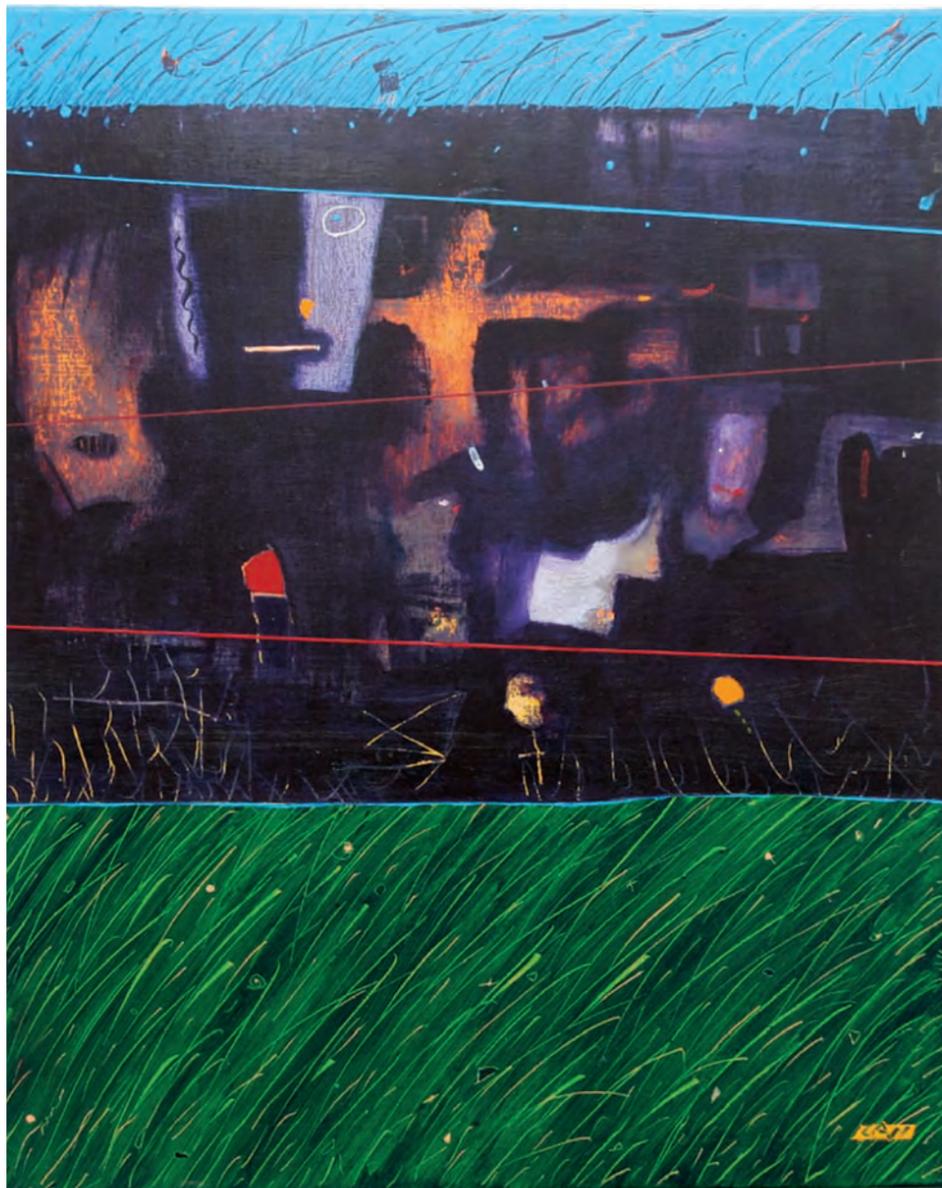
Com a crise do petróleo que se vive a nível internacional, e com a recessão económica que se vive em Angola, o termo que mais se tem usado, nos últimos tempos, em nosso país é diversificação. Mas o que significa, em termos económicos, diversificação? Quais as implicações de uma diversificação da economia, como um todo? Diversificar implica a realização de substituição de importações?

As interrogações acima são de extrema relevância, para sustentar a digressão teórica que se pretende fazer sobre o tema. A sua relevância advém pelo facto de que quando se fala em diversificação da economia de um país, ou mesmo da substituição de importações de um Estado factores endógenos e/ou exógenos devem ser analisados, uma vez que desta análise ex ante vai depender o sucesso ou o insucesso destas políticas caeteri paribus.

QUE SIGNIFICA DIVERSIFICAR?

Edith Penrose argumenta que uma firma diversifica suas actividades sempre que, sem abandonar completamente suas antigas linhas de produtos, ela parte para a fabricação de outros, inclusive produtos intermediários, suficientemente diversos daqueles que ela já fabrica, e cuja produção implique em diferenças significativas nos programas de produção e distribuição da firma.

Em seu estudo, baseado em dados do Federal Trade Commission (Comissão Federal de Comércio) dos Estados Unidos da América (EUA), relativos à diversificação produtiva nas mil maiores companhias manufatureiras em 1950, Penrose argumenta que existem vários tipos de diversificação. Ela dá um exemplo simples. Por exemplo, um agricultor que produza dois tipos de banana (banana pão e banana maçã) pode ser considerado como um agricultor que diversifica a sua produtividade. Da mesma forma que um produtor que produz laranjas e tomate e, depois faz compotas de tomate ou sumos de laranja também está a diversificar a sua produção, tal qual o primeiro produtor. Ou seja, para se falar em diversificação há que se levar em conta o tipo de abordagem que se pretende fazer para que não incorramos em falácias, muito comuns àqueles que não são especialistas na área económica, principal-



mente quando o assunto é fazer políticas de Estado.

Diversificar implica em incrementar a criatividade intelectual, que implica a formação de técnicos básicos e médios muito bem preparados e técnicos com nível superior altamente competitivos a nível internacional. Este processo ocorreu nos Estados Unidos da América, principalmente durante o período após a Segunda Grande Guerra, com a importação de quadros estrangeiros altamente qualificados, inclusive, da inimiga Alemanha.

Diversificar implica um processo de incentivos intelectuais e valorização das competências intelectuais. Ou seja, diversificação da economia implica em abertura de escolas (de Base, Técnicas, Institutos e Universidades) que formem competências humanas comprovadamente eficientes, cujo padrão possa ser confrontado com o ensino dos países mais desenvolvidos, como o que tinha ocorrido na década de 1950 com a política de formação de quadros da Coreia do Sul ou mesmo com

o Japão e a Alemanha, após a Segunda Grande Guerra. Aliás, a Coreia do Sul é um bom exemplo, quando se fala em diversificação da economia. A Coreia do Sul diversificou primeiro o ensino de qualidade, investindo o seu dinheiro, principalmente emprestado dos EUA, na alta competência de nível internacional, o que a fez sair de um país atrasado para um dos países mais sofisticados em termos científicos, técnicos e académicos do mundo. Sabendo disso, nas universidades Sul-coreanas existem espaços cativos para os bustos de seus futuros prémios nobéis em todas as áreas do conhecimento. A Coreia do Sul diversificou a sua economia fazendo um Plano Estratégico de Estado, muito bem concatenado com todas as instituições do Estado, principalmente, de pesquisa e produção, numa política de longo prazo.

A Coreia do Sul sabe que o insucesso da maioria das políticas económicas dos Estados é o seu imediatismo, principalmente para tirar vantagens políticas imediatas, como

aconteceu com a Nigéria durante as décadas de 1980 até os dias de hoje, ao contrário do que tinha ocorrido com a Noruega. A Nigéria (para não falarmos do ex-Zaire) e a Noruega são dos casos mais relevantes nos estudos de desenvolvimento económico, quando se quer analisar os efeitos da boa diversificação e da má diversificação da economia dos Estados. Penrose argumenta que a diversificação compreende incrementos na variedade de produtos finais fabricados, incrementos na integração vertical e incrementos no número de áreas básicas de produção nas quais a firma opera. Este último tipo de diversificação é de fundamental importância e não pode ser avaliado pelo número de diferentes tipos de produtos, finais ou intermediários, fabricados.

Fica claro nas argumentações da Penrose – ainda que de forma implícita ou de uma análise superficial – a implicação positiva das abordagens das capacitações humanas. Ou seja, é impossível fazer-se diferenças significativas de produção sem a qualificação de nível internacional dos técnicos nacionais envolvidos. Logo diversificação significa qualidade no ensino e pesquisa, para a posterior produção com alto valor agregado.

CAPACITAÇÃO HUMANA COMO SINÓNIMO DE DIVERSIFICAÇÃO

Voltando ao caso da Nigéria e da Noruega, dois países produtores de petróleo. Um africano e outro europeu. Não há implicações positivas ou negativas por um estar no Norte e outro no Sul. É que, geralmente, os países periféricos seguem o exemplo da Nigéria e não o exemplo da Noruega. Quando a Noruega descobriu que havia em seu solo boas reservas de petróleo usaram-nas para sair da pobreza que assolava o país, fazendo uma política séria de diversificação da economia, começando pela qualidade de longo prazo de seu ensino. Não é atoa que surge na Noruega, pela primeira vez o termo desenvolvimento sustentável dito por sua ex-Primeira Ministra Brundtland. A Nigéria, por outro lado, transformou o petróleo no antidesenvolvimento sustentável.

A Nigéria é um país pobre e a Noruega um país rico com um dos melhores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) do mundo, ao pensar no futuro comum de seus habitan-



JOSÉ MANUEL MARCOLINO

ASSIMILACIONISMO E PATERNALISMO NAS RELAÇÕES EUROPA-ÁFRICA



JOÃO NGOLA TRINDADE

“O grande sucesso dos inimigos de África foi terem comprometido os próprios africanos” - FRANTZ FANON, “Em Defesa da Revolução Africana”, 1980.

De ponto de vista psico-cultural, o assimilacionismo afastou o africano do seu povo e aproximou-o do colonizador tornando-o no seu colaborador na manutenção do sistema colonial.

A longo prazo, este processo de assimilação cultural vulgarmente como “lavagem cerebral” teria como propósito a transformação do colonizado em defensor dos interesses económicos do antigo colonizador com o qual seriam mantidas relações privilegiadas no período pós-colonial em detrimento do estabelecimento e reforço das relações interafricanas (BETI, 2000).

Não será de admirar que líderes africanos, como Léopold Sedar Senghor e Félix Houphouët-Boigny, acomodados com assento parlamentar e outros privilégios na metrópole, tivessem comprometido a unidade continental, e, conseqüentemente, o projecto de criação dos Estados Unidos de África, advogando a continuidade das boas relações entre os seus respectivos países com a França, antiga potencia colonial (OMOTESO, 2009, FANON, 1980).

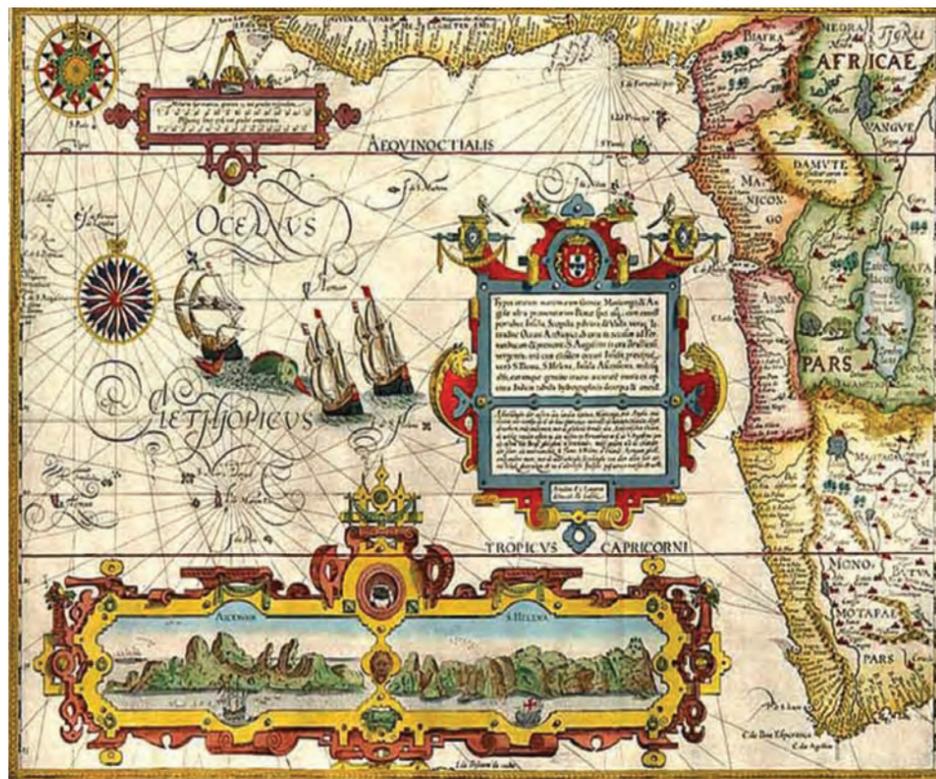
Importa aqui reflectir em torno da seguinte questão: o que é o paternalismo europeu?

Trata-se do tipo de relação no qual o antigo colonizador nunca reconhecerá a maioria do africano que, sendo aos seus olhos uma “criança-adulta”, estará sempre sob sua tutela. Segundo esta corrente de pensamento, o africano nunca terá capacidade de decidir o seu futuro sem que o “antigo mestre” lhe mostre o caminho a seguir.

Como se depreende, o estado actual das relações interafricanas que deveriam culminar com a criação dos Estados Unidos de África, que estaria alicerçado, entre outros, na “unidade cultural de África” (DIOP, 2014), decorre de um processo histórico no qual as ex-colónias estariam sempre debaixo da alçada das antigas potências coloniais por meio da Francofonia, da Commonwealth e, em certa medida, da CPLP. Ao que parece, a criação destas organiza-

ções pelas antigas potências coloniais, aplaudida por Léopold Senghor, e não só, visava impedir a efectivação do projecto de criação dos Estados Unidos de África por via do estabelecimento de relações com as antigas colónias, que deste modo deveriam adoptar a cultura europeia em detrimento da africana (FANON, 1980; CRUZ, 1959).

Segundo Frantz Fanon “cada novo Estado soberano [africano] encontra-se na prática perante a obrigação de manter com o antigo opressor relações definidas e preferenciais”. O autor dizia ainda que o colonialismo apressava-se em mobilizar mercenários que defenderiam em África a civilização ocidental, cuja adopção e predomínio em África no período pós-colonial seriam um sinal de submissão do africano e, conseqüentemente, de aceitação das teses coloniais que, de um lado, justificariam o domínio cultural da Europa, e, do outro lado, condicionariam o seu pensamento e, conseqüentemente a sua acção (MACEDO, 2010).



Só deste modo se pode compreender a atitude do dirigente de uma instituição financeira que, estando a participar num workshop sobre Educação Financeira realizado na antiga metrópole, considerou a diversidade linguística como um dos “constrangimentos” para a efectivação do referido projecto em Angola. Escusado será dizer que o argumento, em si insustentável, apoia-se no discurso colonial sobre a animalização das línguas nacionais. Viriato da Cruz foi claro ao dizer que “o negro seria sempre um assimilado” - ideia corroborada por Agostinho Neto (apud ANDRADE, 1980) para quem a colonização marcaria por muito tempo a vida do Povo Angolano.

O desprezo pelas línguas nacionais

e o desinteresse na sua utilização como meio de comunicação diária, e no sistema de ensino, são apenas um dos exemplos dos efeitos/reflexos do colonialismo entendido aqui como um projecto de longa duração.

A conquista e a consolidação da independência cultural é um processo que exige ruptura total com o “enxerto da operação da cultura ocidental” que visa criar uma única identidade cultural em todo o planeta.

Foi com o propósito de salvaguardar a identidade cultural angolana, rejeitada pelo regime colonial, que surgiu o movimento cultural “Vamos Descobrir Angola” até aí desconhecida pelos integrantes do referido movimento educados na cultura portuguesa imposta pelo regime colonial.

Na Era da Globalização, a (re) descoberta de Angola é um imperativo, uma atitude filosófica que visa ao angolano “conhecer-se à si mesmo” e, conseqüentemente, afirmar-se no mundo com os valores da cultura angolana.

Neste processo, a educação deverá

canos, não estamos objectivamente condenados a ser guiados, a marchar na cauda, a refazer a experiência dos outros” (CRUZ, 1959).

A descolonização mental afigura-se como uma (senão mesmo a maior) das “responsabilidades do intelectual” angolano e um dos desafios que deverá ser ultrapassado no século XXI; este processo de “ruptura”, que se pretende que seja total, implica a (re) descoberta da identidade cultural para que a afirmação do “pensamento angolano” seja um facto, e (porque não), um modesto contributo para a afirmação do “pensamento africano” (ANDRADE, 1980, MACEDO, 2010).

Bibliografia

ANDRADE, Costa, 1980, *Literatura Angolana (Opiniões)*. Lisboa: Edições 70.

BATSIKAMA, Patrício, 2013, “Ensino assente na Angolanidade”. Texto cedido pelo autor.

BETI, Mongo, 2000, *A França contra a África. Regresso aos Camarões*. Lisboa: Editorial Caminho.

CRUZ, Viriato da, 1959, “O Intelectual Negro e as suas Responsabilidades”, In: ROCHA, E., SOARES, F., FERNANDES, M., (Coor.), 2008, *Angola - Viriato da Cruz, o Homem e o Mito*. Lisboa: Prefácio, Luanda: Chá de Caxinde.

DIOP, Cheikh Anta, 2014, *A Unidade Cultural da África Negra. Esferas do patriarcado e do matriarcado na Antiguidade Clássica*. Trad. de Sílvia Cunha Neto. Luanda: Edições Mulemba e Edições Pegado.

FANON, Frantz, *Em Defesa da Revolução Africana*. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1980

MACEDO, Jorge, 2010, *A Dimensão Africana da Cultura Angolana (Ensaio)*. Luanda: INALD.

OMOTESO, Ebenezer Adedeji, 2009, *Ideologia e Engajamento em Agostinho Neto e Léopold Sedar Senghor. Uma Perspectiva Comparativa*. Luanda: Fundação Agostinho Neto.

Os colonizadores (apud CRUZ, 1959) questionavam os africanos sobre o motivo que tinham para que desejassem desenvolver a cultura africana em detrimento da adopção da cultura ocidental que eles consideravam superior. Como se pode notar, o surgimento das referidas organizações prosseguia o propósito de aproximar o africano ao europeu, mantê-lo “fiel” e submisso à este no período pós-colonial, por via da adopção da cultura ocidental imposta durante o período colonial.

O autor cita um escritor que dizia haver angolanos que, apesar de estarem em Angola, têm a cabeça na Europa.

contribuir para a libertação da mente alienada pela cultura ocidental. Pois, com um espírito crítico, renovador e criativo será possível conceber um sistema de “ensino assente na angolidade” (BATSIKAMA, 2013), e um modelo de desenvolvimento endógeno que tenha a matriz cultural angolana (MACEDO, 2010, ANDRADE, 1980).

“Actuando desta maneira, nós ajudar-nos-emos, a nós próprios, a combater o preconceito virulento segundo o qual a Europa é e será sempre segundo as leis objectivas da História - a reveladora de formas novas, ‘avançadas’, da evolução das sociedades humanas [...], o guia, o modelo obrigatório para o resto do mundo [...]. Isto não é verdadeiro. Nós, afri-

QUO VADIS, ÁFRICA?



LEONEL COSME

Esta interrogação remete-nos logo para uma apócrifa narrativa bíblica segundo a qual o apóstolo Pedro, acabado de sair de uma prisão em Roma, e caminhando na Via Ápia, se encontra com Jesus pela primeira vez, após a ascensão, e lhe pergunta: Para onde vais? Qual é o teu caminho? Jesus terá respondido, talvez paradigmaticamente, que caminhava para Roma, para ser outra vez sacrificado...

Muitos séculos depois, um notável poeta espanhol, António Machado, ciente das “crucificações” que podem surgir em qualquer caminhada sugerida ou recomendada, era peremptório: “Não há caminhos. O caminho faz-se caminhando.” O que significava, obviamente, tendo a ideia de um determinado objectivo, estar pronto para correr riscos e afrontar os obstáculos que se interpusessem na caminhada.

Chamemos utopia ao destino procurado. E sabendo-se que o sonho, a ambição ou o ideal de um homem pode ser igual ao de uma nação (chame-se-lhe então ideologia), aceite-se sermos tão assertivos como foram notáveis pensadores de vários tempos, congraçados num ensaio de outro pensador notável, o sociólogo e filósofo polaco Zigmunt Bauman (recentemente falecido, com 92 anos de idade).

Citava Óscar Wilde: “Um mapa-mundi que não inclua a utopia não vale nem a pena olhar, pois deixa de fora o único país em que a humanidade está sempre desembarcando. E quando a humanidade lá desembarca, olha em volta e, vendo um país melhor, iça as velas. O progresso é a realização das utopias.”

E Anatole France: “Sem as utopias de outras épocas, os homens ainda viveriam em cavernas, miseráveis e nus. Foram os utopistas que traçaram as linhas da primeira cidade... Sonhos generosos geram realidades benéficas. A utopia é o princípio de todo o progresso, o ensaio de um futuro melhor.”

Mas Bauman já tinha sido mais objectivo num pensamento que utilizei para a introdução do meu ensaio de 1978, *Cultura e Revolução em Angola*:

“...a ideologia transforma uma genérica colectividade de indivíduos numa compacta força social, capaz de uma acção coordenada, de uma luta comum, de subordinar fins e interesses individuais a um objectivo comum a toda a colectividade.”

E porque estamos centrados em África, ou numa parte desta - não foi este o pensamento e a prática do primeiro chefe do Estado angolano, Agostinho Neto, que através da poesia

e do discurso, até à morte, formatou a ideologia que se projectaria a toda a colectividade?

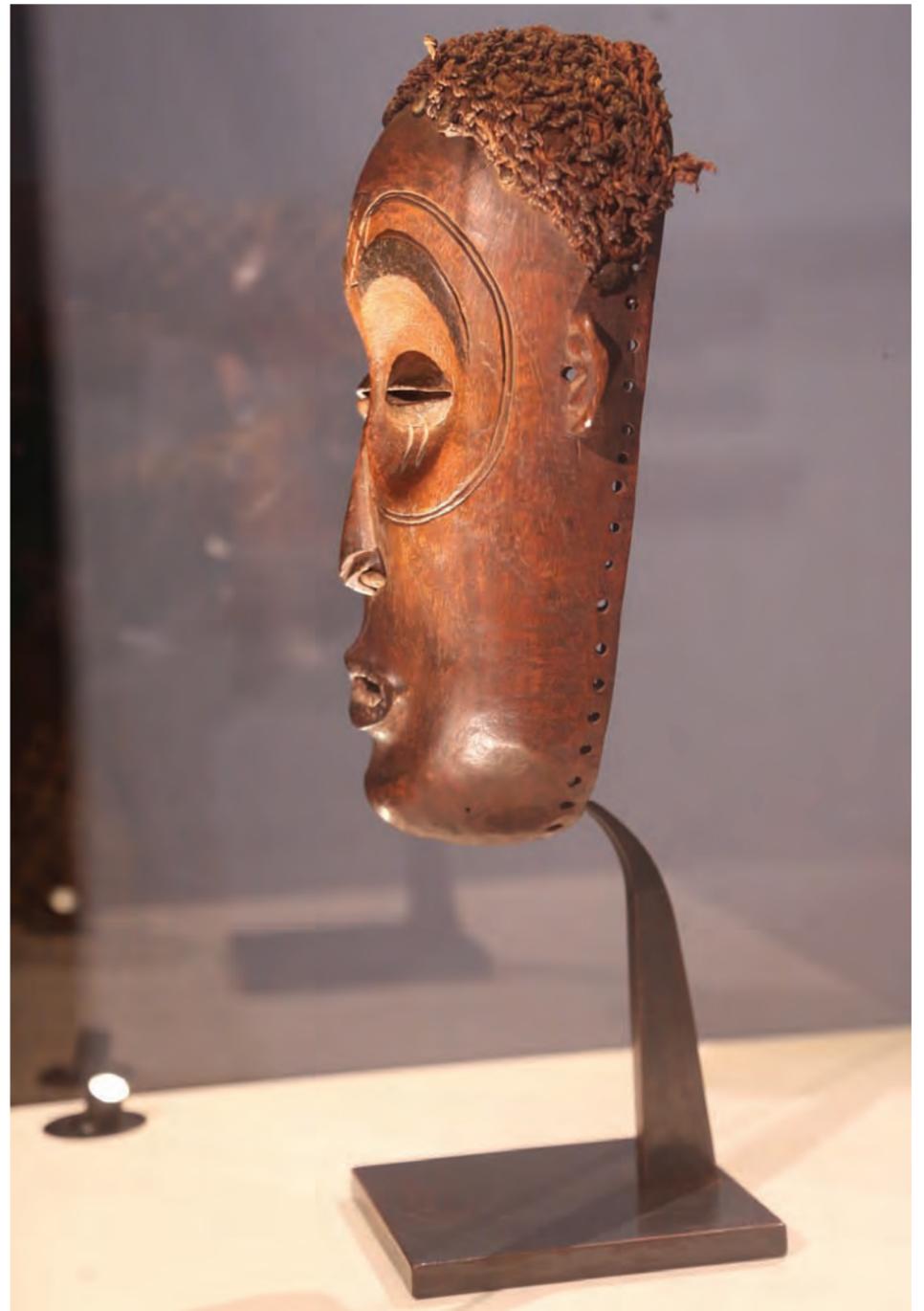
Hoje, Neto não desdenharia a visão de África que o reputado escritor e filósofo camaronês, Achille Mbembe, tendo estudado em França e actualmente professor universitário na África do Sul, depois de “circular” por Universidades dos Estados Unidos e do Senegal, explanou recentemente num colóquio em Dakar, centrado na análise da África pós-colonial, fixando duas vertentes: “A era do humanismo está terminando”, pelo que é preciso “Moldar o futuro de África”. E explicita:

A história de África baseia-se no que chamei de “circulações”. As nossas culturas foram produzidas ao longo do tempo pelo movimento, a multiplicidade e a junção de elementos aparentemente heterogéneos e incompatíveis. (...) A itinerância, a plasticidade, a transumância, a capacidade de aplanar fronteiras moldaram as nossas civilizações e as nossas formas de ser e mesmo de pensar. Enfrentamos actualmente uma dupla penalização. Por todas as partes as fronteiras fecham-se, militarizam-se e um imenso desejo de apartheid submerge o mundo, como se as pessoas só conseguissem viver entre os seus semelhantes, separadas por muros.

Há precisamente 40 anos, Agostinho Neto defendia, em Luanda, numa assembleia de artistas e escritores:

Nós somos uma encruzilhada de civilizações, ambientes culturais, e não podemos fugir a isso de maneira nenhuma, mas da mesma maneira que nós pretendemos manter a nossa personalidade política, também é preciso que nós mantenhamos a nossa personalidade cultural. (...) O que devemos fazer para conservar a nossa cultura? Vamos radicalmente desprezar tudo o que é estranho ao nosso país, ao nosso povo, ou vamos conservar aquilo que nos interessa, aquilo que é possível aproveitar dentro das civilizações que se constituíram, que se modificaram depois do contacto com a nossa civilização, ou vamos desprezar tudo? Nós temos de fazer a opção. Qual é essa opção? Eu penso que devemos é retirar daquilo que resultou do contacto entre diferentes povos, o necessário para o progresso actual da nossa própria cultura.

Mas realista como sempre fora, sem alijar da sua ideologia o pragmatismo, Neto talvez subscrevesse, hoje, literalmente, uma frase lapidar do académico e diplomata brasileiro António Olimpo, proferida nos anos 60, após a



sua estada em vários países africanos: “Muitas são as Áfricas. E foi justamente a insistência nas diferenças, com o esquecimento das semelhanças, que levou os estadistas de hoje a uma total incompreensão da nova África.”

A nova África de António Olimpo era a de um continente até então fragmentado em territórios demarcados pelo colonialismo com fronteiras e etnias, a caminhar, finalmente, para a unidade. Mas ainda é no contexto da procura do almejado caminho da África toda, que Achelle Mbembe conclui:

A consagração do princípio de intangibilidade das fronteiras herdadas da colonização retalhou o continente africano numa multidão de micronacionalismos. O resultado desta balcanização é que a maioria dos nossos Estados não é mais do que satrapias ou pseudo-estados dependentes da tutela oculta ou descarada de potências nem sempre bem intencionadas. Há

que acabar com esta situação, começando por uma crítica sem concessões do princípio da intangibilidade e de todos os processos que tendem a transformar os nossos espaços em quintais fechados, quer se trate das fronteiras, do patriarcado e das gerontocracias. Para que África recupere a sua identidade e deixe de ser uma espécie de prisão a céu aberto onde sufocam milhões de jovens que só pensam em emigrar, é preciso abri-la a si própria, libertar os fluxos e as energias, fazer delas o ponto de chegada de novas diásporas.

Pelos ventos e marés que ainda geram tempestades, entendamos que a história do(s) caminho(s) de África ainda não terminou...

(Sobre Achelle Mbembe, ver também a revista *ÁFRICA 21* – Dezembro de 2016 e Janeiro de 2017).

JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS VENCE PRÉMIO VASCO GRAÇA MOURA - CIDADANIA CULTURAL

(JORNAL EXPRESSO)

O júri valorizou o percurso biográfico do director do "JL - Jornal de Letras, Artes e Ideias", que "ilustra bem o papel muito relevante que sempre desempenhou e desempenha – como advogado e homem de leis, como poeta e escritor, como jornalista e interveniente activo na valorização da língua, da literatura, das artes e ideias"

O jornalista José Carlos de Vasconcelos, director do quinzenário "JL - Jornal de Letras, Artes e Ideias", "um raro exemplo de persistência na imprensa portuguesa de âmbito cultural", é o vencedor do Prémio Vasco Graça Moura - Cidadania Cultural.

Fonte do júri adiantou à agência Lusa que, apreciadas as várias candidaturas, a de José Carlos de Vasconcelos recolheu a unanimidade, por ser uma "personalidade que se tem afirmado em todos os domínios em que tem exercido actividade, como das figuras mais marcantes da vida portuguesa nos dias de hoje", como se lê na ata do júri.

Esta é a segunda edição do Prémio Vasco Graça Moura - Cidadania Cultural, no valor de 40.000 euros, e o nome

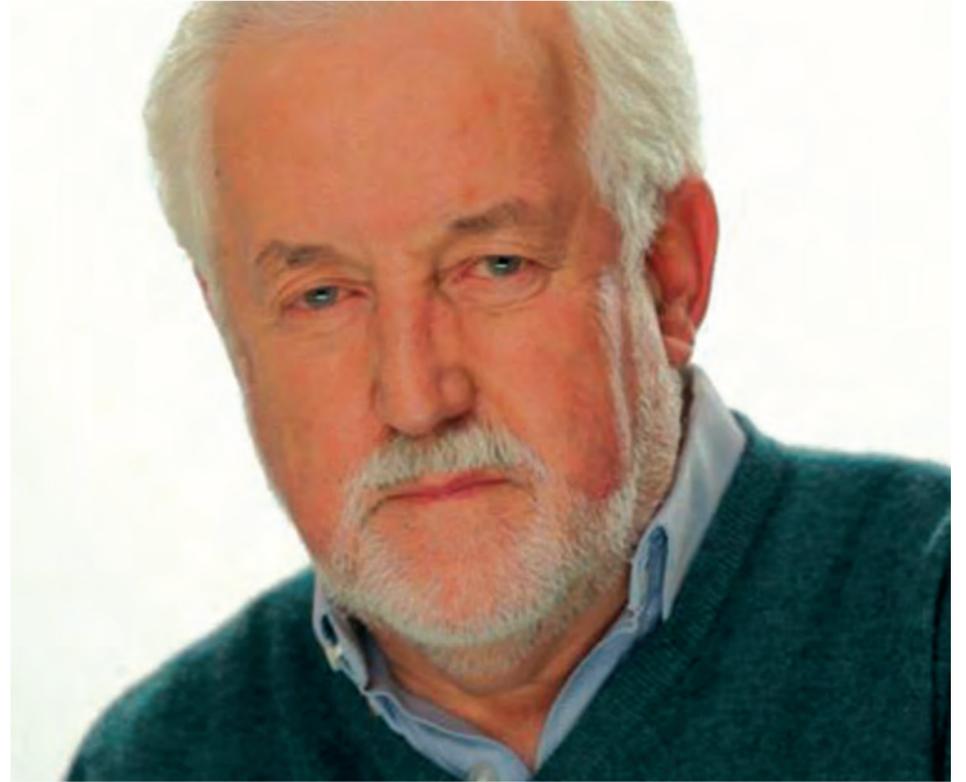
da personalidade distinguida é revelado no dia em que o poeta e ensaísta Graça Moura completaria 75 anos.

O júri, presidido por Guilherme d'Oliveira Martins, valorizou o percurso biográfico de José Carlos Vasconcelos, de 76 anos, que "ilustra bem o papel muito relevante que sempre desempenhou e desempenha – como advogado e homem de leis, como poeta e escritor, como jornalista e interveniente activo na valorização da língua, da literatura, das artes e ideias".

Em ata, o júri salientou que, "uma vez que se trata de um prémio de cidadania cultural, o papel desempenhado com grande generosidade e determinação, inteligência e elevado sentido profissional, pelo premiado na fundação, direcção e manutenção do 'JL - Jornal de Letras, Artes e Ideias'".

"Trata-se de uma iniciativa única pela permanência e regularidade, que projecta a cultura e a língua portuguesa no mundo, com uma qualidade digna de reconhecimento", destaca o júri.

Além de Oliveira Martins, que presidiu, o júri foi constituído por Maria Alzira Seixo, José Manuel Mendes,



José Carlos de Vasconcelos

Manuel Frias Martins, Maria Carlos Gil Loureiro, Liberto Cruz e, ainda, por José Carlos Seabra Pereira, em representação da editora Babel e Nuno Lima de Carvalho e Dinis de Abreu, pela Estoril Sol.

No ano passado, o distinguido foi o ensaísta Eduardo Lourenço.

O Prémio Vasco Graça Moura - Cidadania Cultural é uma iniciativa da Estoril Sol, em parceria com o grupo editorial Babel.

RIO DE JANEIRO RECEBE CERTIFICADO DE PATRIMÓNIO MUNDIAL DA UNESCO

A cidade do Rio de Janeiro (Membro Efetivo da UCCLA), no Brasil, recebeu o certificado oficial da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) que confere à paisagem urbana carioca o título de Património Mundial na categoria Paisagem Cultural Urbana.

O direito ao reconhecimento in-

ternacional exigiu quatro anos de trabalho conjunto entre representantes da Prefeitura do Rio, Instituto do Património Histórico e Artístico Nacional, Ministério do Meio Ambiente, Associação de Empreendedores da Unesco, Governo do Estado e parceiros privados.

O vice-prefeito Adilson Pires, que representou o prefeito Eduardo Paes,

referiu que a atribuição do prémio "prova o quanto o Rio de Janeiro é harmónico, mas aumenta o peso da responsabilidade de toda a sociedade em zelar por esse património único. Não há dúvida que a beleza da paisagem esculpida pela natureza, associada à parte construída pelo homem, orgulha a todos nós, brasileiros."

Entre os principais elementos natu-

rais que influenciaram na decisão da Unesco estão o Pão de Açúcar, o Corcovado, a Floresta da Tijuca, o Aterro do Flamengo, o Jardim Botânico e a famosa praia de Copacabana, além da entrada da Baía de Guanabara. As belezas cariocas incluem o forte e o morro do Leme, o forte de Copacabana e o Arpoador, o Parque do Flamengo e a enseada de Botafogo, entre outros.



Adilson Pires recebendo o diploma

A DOENÇA DO MESTRE



DIAS NETO

Tarde de sexta-feira, ocioso e querendo fugir da algazarra dos imberbes de casa, decidi dar uma volta pela Baía de Luanda. Logo que coloquei o pé na rua, um pensamento me invade.

“Por que não levar o livro “A casa velha das margens” do escritor Arnaldo Santos. Há muito que o comprei, mas não consigo terminar de o ler!”

Recuei e peguei-o. Naquele dia, o sol, radiante, levava-nos a confundi-lo com um domingo. Mas era mesmo sexta-feira, vulgo dia do homem.

À entrada da minha rua, os jovens estavam em grande convívio, com música altíssima, nem se comiseravam dos adultos que tínhamos no bairro, vivendo com problemas graves de hipertensão arterial. Há muito que me desligara daqueles ambientes. Alguém me ofereceu um assento, mas recorrendo a uma peta recusei.

- Mano, venho já. Vou apenas entregar este livro a um amigo que está na outra rua.

Aquelas frivolidades já não faziam parte do meu viver. Preferia ir sentar na Avenida Marginal, devaneando na bela história de 1889 que o livro traz. Se calhar, chegaria até ao Ponto Final e, por lá, apreciaria o corpo lindo daquelas mulheres que, por lá, têm-se apresentado quase desnudadas. Não nego que este desejo seja também uma futilidade, mas concordo que de quando em vez seja necessário. Serve de tubo de escape, principalmente depois de uma semana laboral que nos deixa em profundo enfadamento!

Na paragem, tive mais sorte do que aqueles que encontrei no interior do táxi.

- Era mesmo só este um passageiro que nos fez perder tanto tempo – falou uma passageira.

Tentando amenizar o clima tenso, saudei-os animadamente:

- Muito boa tarde, família!!!

- Boa tarde, meu jovem! – respondeu um velho numa voz trémula que denunciava a sua avançada idade.

Os outros passageiros não responderam, pelo vilipêndio com que me olhavam, entendi que me encararam como culpado pelo tempo que perderam na paragem aguardando que o táxi lotasse.

“Cada um com os seus problemas” – pensei.

Abancado, abri logo o livro. O táxi não havia andado muito, e eu nem uma página sequer havia lido, quando vimos um agente regulador de trânsito o parar.

- Mas isso é azar ou quê?! – murmurou uma passageira e a seguir fez um estalado “muxuxo”.

- Azar não é só óbito! – reforçou outro passageiro.

O motorista foi ao encontro do agente regulador. O cobrador foi acalmando os passageiros, dizendo que o carro estava totalmente legal, por isso, o autuado regressaria logo.

A minha leitura avançava, contudo, as lamentações dos passageiros também.

Senti-me ambivalente, porque uma parte de mim estava a gostar da estória que lia, e a outra não suportava aqueles resmungues.

“Estes parecem os imberbes que me fizeram fugir de casa a esta hora” – falei aos meus botões.

Quando alguns tencionavam descer, vimos o motorista regressar. Mas seu semblante estava completamente alterado. Seu rosto parecia de alguém que chupara mais de dez limões.

- Esses polícias só atrasam a vida das pessoas. Nunca vi o trabalho que andam a fazer! – falou a passageira sentada ao meu lado.

Trombudo, o motorista fez uma arrancada forte. Nós, distraídos, pancamos contra os bancos.

- Ó senhor, conduza devagar, aqui ninguém é culpado – falou o velho com a sua voz trémula.

Também me chateei, naquela arrancada, rasgou-se uma página do meu livro. Prefiro rasgar uma camisa do que a página de um livro! O motorista não respondendo, acelerava como se pretendesse fazer voar a viatura. Eu, sentado à janela, pelo excesso de velocidade, sentia uma forte brisa a rasgar-me o rosto. Fechei-a.

Felizmente, adiante encontrámos um pequeno aperto no trânsito, teve de desacelerar e, assim, terminou com aquela “indefensiva” e irresponsável condução.

- Paraste mais!? passa por cima dos outros carros – ironizou-lhe um passageiro.

Este, ainda com o rosto azedado, olhou pelo retrovisor como intuito de ver quem dissera aquelas palavras.

“Mas o que será que o agente regulador lhe fez?! Multou-lhe?! Seja como for, ele não pode se comportar assim, está levar vidas humanas” – divaguei.

Abruptamente, ouvimos o barulho de uma sirene. O mesmo aproximava-se numa velocidade viral. Era de uma ambulância. Os carros “abermavam-se” para a deixar passar. Contudo, o nosso motorista recusava-se a imitar tal acção dadivosa.

- Ó seu coração de pedra, não estás a ver a ambulância?! Deixe-a passar e livra-nos deste barulho ensurdecador – gritou uma passageira que até então esteve calada.

O taxista mostrando-se petulante continuava com aquele inusitado comportamento. Então, instalou-se uma gritaria contra ele, mas não cedeu.

O motorista da ambulância, tentava ultrapassá-lo a todo custo, mas estava difícil. A gritaria continuava:

- Seu bruxo de merda, às vezes, quem está lá é um teu parente – falou a passageira mais faladeira da viagem.

O taxista continuava indiferente, insensível.

O motorista da ambulância continuava a tentar ultrapassá-lo. Na sua vã tentati-



va, ouvimos uma pancada forte. Bateu no táxi. Os passageiros, questionando o taxista, gritaram em uníssono:

- Estás a ver o que provocaste, seu malandro?!?!?!

- Mas aqui não tem homem para dar uma sova nesse macaco?! – cresceu a passageira faladeira.

Rapidamente, o motorista do táxi, todo furioso, desceu e foi logo ver se a ambulância realmente levava um paciente.

- Eu conheço estes gajos. Vocês estavam a acudi-lo à toa. Venham mostrar-me o meu parente paciente que ele está a levar?! – questionou o taxista.

Todos ficamos boquiabertas, pois não havia paciente na ambulância. O motorista do táxi abriu a porta da ambulância, puxou o outro motorista e, num ápice, vimo-lo a subir ao ar feito um papel. Quando caiu perdeu os sentidos. O taxista, que seguramente é um artista marcial, após aquele acto bárbaro tentou se retirar, a população não permitiu.

- Você está ir aonde? Estás a fugir mais. Agora tens que ficar aqui. Estás abandonar esse corpo com quem? – novamente a passageira faladeira.

Feita a medição ao pulso, confirmou-se que o motorista da ambulância desfalecia.

- A ambulância não leva apenas pacientes, em alguns casos, também vai os buscar. Se calhar, é o que este ia fazer - disse o mais velho com a sua voz trémula que contrastava com o seu corpo. A voz indicava uma idade diferente do que o corpo mostrava.

Talvez fazendo jus ao adágio, “Na boca de um mais velho só saem dentes podres”, todos concordamos com ele. Pensando numa solução, pegamos no seu próprio telemóvel, vimos a última chamada registada: Chefe André Capapa. Então, decidimos discar.

Esta missão foi-me incumbida. Discado o número, coloquei a chamada em viva voz para evitar dúvidas.

- Está chamar, pouco barulho! – ordenei. “Ó Zé, onde é que estás pá?! Traz-me o livro, rápido!! O meu grupo vai ser o primeiro a defender, se me fazes perder esta defesa vou te punir. Fica já avisado!” – atendeu aos gritos o Chefe André Capapa e desligou a chamada.

Abismados, entreolhamo-nos. Apesar da cena ser engraçada, ninguém sorriu.

- Olhem, aqui, está o paciente!! – gritou um jovem, empenhando o tal livro que estava a ser aguardado na sala de aula. (era um fascículo)

Desta vez, houve gargalhadas a sério. Com direito a “kwatas” e grandes lacrimejos. Nem vos conto como ria a passageira faladeira!

- Mas, afinal, qual é a doença do mestre? – indagou o mais velho com a sua voz trémula.

- Qual mestre mais, ó papá?! – inquiriu a faladeira.

- Oh!! A mana não sabe que os livros são nossos mestres mudos?! Ensinamos sem falarem. Se era o causador daquela “sirenada” da ambulância, é porque está doente!

As risadas, acompanhadas de inúmeros “kwatas” e lacrimejos, regressaram com mais vigor e, assim, o desfalecido Zé recuperou. O taxista insolente, para a nossa surpresa, já estava algemado, na carroçaria do carro da Polícia que nem o vimos a chegar.

Terminada aquela amálgama, olhei para o céu. O rei sol que já tinha perdido a sua pujança e, avermelhando-se, recolhia-se mais cedo. Regressar a casa e aturar os verdadeiros imberbes era a única coisa que me restava.

“Não consegui chegar à Baía de Luanda, entretanto, aprendi que os livros são os nossos mestres mudos e que, quando existem chefes irresponsáveis, estes também adoecem” – pensei comigo.

O chefe André Capapa, que prometera punir o motorista da ambulância, naquele dia, não perdeu apenas a defesa na escola, também o emprego. Mas esta notícia ouvimos na rádio, no dia seguinte.

A CRÓNICA DE IMANNI DA SILVA “PORQUÊ ELE?”



das do princípio ao fim: estava no ar, pois, segundo o trailer, era o que dava a entender. Vendi o enredo melhor que um vendedor ambulante e ela simplesmente aceitou sem pestanejar, nem questionar, concedendo total confiança no meu suposto bom gosto.

Como não poderia deixar de ser, estávamos em pulgas e eu mais ainda.

“PORQUÊ ELE?” Conta a história de uma jovem norte americana que estuda no Estado da Califórnia, distante dos pais e do irmão mais novo. Até que ela decide convidar a sua família para passar o Natal na casa do seu actual namorado, cuja identidade era desconhecida até então e cujo relacionamento foi descoberto pela família da pior maneira possível. Até aí tudo bem. O problema é o homem que apesar de muito bem sucedido (o que ajuda para conquistar futuros sogros) ser um homem sem filtros e socialmente constrangedor que não mede as consequências dos seus actos e muito menos das suas palavras. Em compensação, tem um coração de ouro (bem maciço). Desde o início do filme, a sensação de missão cumprida ganhava espaço, pois o filme realmente nos fez rir até chorar por mais, mas, na minha alegre cabecinha, reflecti sobre a grande lição desta divertida estória que, através do humor, toca em muitas feridas. Quantas vezes deixamos que as impressões mais superficiais impeçam de ver o lado mais puro e humano das pessoas, em especial quando se trata da pessoa que nós, os filhos, no nosso amor cego, aceitamos e queremos partilhar as nossas vidas? Quantas vezes estas mesmas impressões não nos deixam aprender com aqueles que poderão fazer os nossos amigos, sobrinhos, afilhados e irmãos mais felizes? O problema, em especial dos pais, é de muitas das vezes desenharem, em suas cabeças com todos os detalhes, os genros e noras. Uma das grandes bofetadas da vida é ter que acabar por ter sogros que não vão com a nossa cara e, até pior, quando os nossos pais não vão com a cara de quem nós amamos e, pior ainda, é quando esse desagrado se manifesta sempre que há a oportunidade de respirarem o

mesmo ar poluindo tudo e todos à sua volta. Será que nestes casos a escolha foi mal feita, a culpa é do namorado que não faz um esforço para se readaptar aos novos membros da família ou é egoísmo dos pais pela falta de aceitação do sapo que por alguma razão, por mais beijos e linguados, se recusa a virar príncipe? Muitas das vezes, o ar carrancudo ou pouco falante ou até mesmo desbocado de mais deve-se a uma máscara protectora devido a certas experiências de vida. Mas, para qualquer um de nós, é mais fácil julgar baseando na primeira impressão. Dizem que a primeira é a que fica, mas é bem egoísta da nossa parte, pois gostaríamos de ter sempre a segunda chance de mostrar o nosso melhor lado. No que diz respeito aos felizardos ou condenados, se calhar, o mais importante seriam as suas atitudes e verdadeiras intenções na vida dos filhos em vez de analisarmos as pessoas pelo aspecto e até mesmo pela personalidade forte que não cumpre com as regras de uma sociedade.

“PORQUÊ ELE?” Recebeu todo tipo de crítica, sendo considerado por alguns como “mortificadamente engraçado”, outros de que “deveria ser melhor escrito” e até mesmo que “os grandes talentos de James Franco (namorado) e Bryan Cranston (sogro) foram desperdiçados”. Para mim, é bom ver grandes actores em papéis de risco e, apesar de tudo, é uma comédia inteligente que, mesmo retratando um estilo de vida surreal e impensável, faz-nos sonhar, em especial aos que desejam ver seus amados aceites pelos papás (que deveriam assistir esta obra).

Enquanto alguns críticos dão pontuações de 2 a 4 estrelas, eu dou 5, pelo facto de, sem me importar com o certo ou errado, levou-me para uma realidade que não pede licença aos mais pudicos e conservadores, para nos esbofetear, fazendo com que, no final, acabemos por rir de nós mesmos e a concluir que fazer o mínimo de esforço para aceitar a diferença dos outros faz bem à saúde, traz paz interior, fortalece o amor, resultando em relacionamentos de sucesso.

A todos os leitores começo por enviar votos de um fantástico ano de 2017 cheio de saúde, paz, amor e sucesso. Bem que estas quatro últimas palavras podem e devem encaixar-se no que vem a seguir. A começar pelo título que tem a ver com uma bela tarde de Quarta-feira em que decidi aventurar-me com uma amiga para um dos meus passatempos favoritos que é o cinema. Óbvio que uma pesquisa foi antes feita para ter a certeza se valia a pena ou não a viagem. Sem muitas voltas expliquei à minha amiga o filme que eu tinha escolhido prometendo-lhe que não nos iríamos arrepender e que ainda por cima havia a garantia de uma tarde com muitas gargalha-

A GERAÇÃO DO HOLOCAUSTO

Nº 7

Desenhos e Artes finais: GILDO PIMENTEL
(Adaptado da história de Lito Silva)

ANA NTUMBA



CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO

CURSO DE BANDA DESENHADA

INSCRIÇÕES ABERTAS

NA CASA DAS ARTES



HORÁRIO DA SECRETARIA
Das 10h às 18h, de segunda a sábado
Morada Talatona Via 5



contacto
(+244) 996660065
casadasartesuanda
info@casadasartesuanda.com

Curso intensivo semestral
Coordenação Pedagógica

